

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA de SÃO PAULO – PUC/SP

**COORDENADORIA GERAL de ESPECIALIZAÇÃO,
APERFEIÇOAMENTO e EXTENSÃO - COGEAE**

CURSO de ESPECIALIZAÇÃO em TÉCNICA KLAUSS VIANNA

Karen Maria de Paula Santos

DASEINSANALYSE E KLAUSS VIANNA EM DIÁLOGO

**São Paulo – SP
2017**

KAREN MARIA DE PAULA SANTOS

DASEINSANALYSE E KLAUSS VIANNA EM DIÁLOGO

Monografia apresentada à banca examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – SP, como exigência parcial para a obtenção do título de Especialista em Técnica Klaus Vianna, sob orientação da Prof^ª. Ma. Rosana Nogueira Pinto

**São Paulo – SP
2017**

Karen Maria de Paula Santos

DASEINSANALYSE E KLAUSS VIANNA EM DIÁLOGO

Data:

Resultado:

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Ma. Rosana Nogueira Pinto
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Prof.^a
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Prof.^a
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente a minha orientadora, Rosana Nogueira Pinto, que tão prontamente me incentivou e aceitou fazer parte desta empreitada de tamanha importância para mim.

Agradeço também meu pai, Celso, minha mãe, Cristiane, e minha avó Juracy, por me apoiarem sempre e em tudo com muito amor; meus primos João Pedro, Ana Beatriz e Mariana por serem minhas inspirações; meu namorado, Lorenzo, pela parceria, paciência e tamanha compreensão em todos os momentos em que me fiz ausente; minha supervisora Cláudia Calegari pelas injeções de ânimo; minha professora Carine Sawtschenko que me acolheu em momento de desespero; meus professores José Luiz Branco, Gaby Imparato e Sérgio Basbaum pelos ensinamentos que livro nenhum poderia me dar; aos meus amigos Ivan e Érica por me aguentarem tanto tempo falando apenas em monografia.

Obrigada por fazerem parte, de alguma forma, deste trabalho. A todos vocês digo que valeu a pena.

RESUMO

Muitos caminhos são possíveis para o psicólogo recém-formado e os primeiros passos podem acontecer de forma pouco clara e consciente. Por fazer parte desse contexto, a autora dialoga nesta monografia as abordagens que escolheu para atuar como psicóloga - Daseinsanalyse e o pensamento de Klauss Vianna sobre corpo e dança - refletindo sobre as ideias que tem dado base e direcionamento à sua atuação profissional. Esta monografia discute a importância de todos os profissionais, não apenas psicólogos, refletirem constantemente sobre suas escolhas e atuações se quiserem se tornar profissionais autônomos e criativos comprometidos com a vida profissional e a qualidade dos serviços prestados. Este trabalho mostra as principais diferenças entre abordagens psicológicas de fundamentação científico natural e a Daseinsanalyse, contextualizando-a com um breve histórico de seu surgimento, discutindo sua consolidação enquanto metodologia, seus fundamentos e como é trabalhar sob esse enfoque na clínica psicológica. Em seguida, explica como o conceito de metodologia na Daseinsanalyse segue em direção semelhante a do conceito de técnica da Técnica Klauss Vianna para, à diante, colocar a Daseinsanalyse em diálogo com o pensamento de Klauss Vianna sobre corpo e dança. Esse diálogo nos mostra que ambos possuem muitas ideias em comum no que diz respeito ao entendimento de Ser Humano e possibilitam a promoção de Saúde através do autoconhecimento e da autonomia, podendo contribuir com qualquer profissional que queira, mais que compreender Seres Humanos de maneira geral, compreender cada Ser Humano em sua singularidade.

Palavras-chave: Psicologia. Daseinsanalyse. Klauss Vianna.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	6
2. O INTERESSE PELA DASEINSANALYSE.....	9
2.1 SOBRE A DASEINSANALYSE	12
2.1.1 Breve histórico.....	12
2.1.2 Daseinsanalyse não é Teoria Psicológica.....	15
2.1.3 Fundamentos da Daseinsanalyse	18
2.1.3.1 A abertura original ao mundo.....	19
2.1.3.2 A temporalidade do homem	21
2.1.3.3 A espacialidade original	22
2.1.3.4 A afinação ou estado de humor	23
2.1.3.5 O estar-com-o-outro	23
2.1.3.6 A corporeidade	24
2.1.4 A psicoterapia daseinsanalítica	28
3. O INTERESSE POR KLAUSS VIANNA	35
4. DASEINSANALYSE E KLAUSS VIANNA.....	40
5 ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES	55
REFERÊNCIAS	58

1. INTRODUÇÃO

São muitos os caminhos possíveis para um psicólogo. Além dos variados campos de atuação (clínico, hospitalar, escolar, organizacional, social, etc.) há um grande número de abordagens teóricas cada qual com suas técnicas e compreensões de homem e de mundo, configurando caminhos muito diferentes uns dos outros tanto no que diz respeito às questões filosóficas quanto às questões práticas da profissão. Entretanto, este fato não é visto negativamente por Pisani et. al. (1990):

“Este conjunto amplo e heterogêneo de posições teóricas encontradas na Psicologia contemporânea não deve ser tomado como indício de caos ou confusão, mas sim, como um estágio no processo histórico de investigação do homem a respeito de si mesmo. Esta investigação seguiu, naturalmente, diversos caminhos, com objetos de estudos e métodos diferentes, o que resultou em diferentes pontos de vista que não são sempre, necessariamente, contraditórios, mas podem, apenas, estar se referindo a aspectos diferentes de uma única unidade complexa, o homem” (PISANI et. al.¹, 1990, p. 23).

Heidbreder² (1975), conta-nos que a Psicologia enquanto profissão ainda é muito jovem, cheia de diferenças quanto às definições do seu objeto de estudo e quanto às escolhas dos fatos a serem considerados. São escolas e sistemas em ascensões e quedas constantes que vão ajudando a Psicologia a se tornar meditativa, fazendo pausas para balanço e desvelo dos seus empreendimentos realizados. Gaiarsa³ (2006) também traz essa questão da variedade de teorias psicológicas e abordagens psicoterapêuticas e argumenta que a psicologia não chega a um ponto final e estático porque o homem está em constante transformação, constante construção, e a psicologia deve acompanhar esse desenvolvimento.

Durante a graduação em Psicologia, o estudante entra em contato com esse universo amplo e precisa escolher um caminho para seguir / construir. Entretanto, essa escolha pode não ser muito clara e consciente para o recém-formado, pois é difícil apreender com profundidades todo esse “leque” de opções. Além de ser um campo muito amplo, há em cada

¹ **Elaine Maria Pisani**, brasileira, professora universitária, Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. **Guy Paulo Bisi**, brasileiro, professor universitário, escritor, jornalista, curso superior de Filosofia, Teologia e Psicologia. **Luiz Antônio Rizzon**, brasileiro, professor universitário, licenciado em Filosofia pela Universidade de Caxias do Sul e Mestrado em Psicologia pela Illinois State University, USA. **Ugo Nicoletto**, brasileiro, professor universitário, psicólogo, pedagogo, Pós-graduado em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

² **Edna Heidbreder** (1890 – 1985), americana, doutora em Filosofia e professora emérita da Universidade de Wellesley (Mass., Estados Unidos).

³ **José Ângelo Gaiarsa** (1920 – 2010), brasileiro, psiquiatra, palestrante e autor de dezenas de livros sobre temas de psicologia e psiquiatria.

faculdade uma ênfase maior em determinadas abordagens, e isso se dá, no meu entendimento, principalmente pelo fato de terem professores com qualificações e experiências profissionais e acadêmicas bem diferentes um dos outros, e também porque cada curso tem um projeto pedagógico com suas variações, tem disciplinas organizadas de formas variadas, e cada turma de alunos também troca conhecimentos e contribui com o andamento dos conteúdos trabalhados.

Por conta desse contexto do qual também faço parte como recém-formada em Psicologia, o objetivo desta monografia é fazer uma reflexão sobre o caminho profissional que escolhi seguir / construir após concluir o curso de graduação. Para tanto, sem preocupações quantitativas, estabeleço um diálogo entre a Daseinsanalyse, metodologia psicoterápica que escolhi para trabalhar como Psicóloga, e o pensamento de Klauss Vianna sobre dança e corpo, pensamento sobre o qual escolhi aprofundar meus conhecimentos por meio do “Curso de Especialização em Técnica Klauss Vianna” - curso para o qual escrevo esta monografia.

Essa reflexão se mostra importante, pois, como afirma Pinto⁴ (1979), a reflexão e a consciência do trabalhador sobre seu próprio trabalho é tão indispensável quanto os conhecimentos técnicos para empreender sua atividade com qualidade, qualquer que seja o campo de atividade, pois ele é constitutivo da sua própria realidade individual - Homem, trabalho e vida acontecem juntos. Além disso, ainda segundo Pinto (1979), a reflexão sobre seu próprio trabalho e sua condição humana é indispensável para um país que deseja ir além de uma cultura meramente reflexa, vegetativa, emprestada, imitativa e para libertar-se política e economicamente do atraso e da servidão – e muitos lutaram e seguem lutando por isso ainda hoje no Brasil.

Começo este trabalho, num primeiro momento, mostrando as principais diferenças entre a Daseinsanalyse e as abordagens psicológicas de fundamentação científico natural. Faço, em seguida, uma contextualização sobre a abordagem daseinsanalítica com um breve histórico de seu surgimento citando os principais responsáveis por ela; discutindo sua consolidação enquanto metodologia psicoterápica ao invés de teoria ou técnica psicológica, expondo as alterações na compreensão dos pacientes em processo de psicoterapia que essa designação enquanto metodologia implica; trazendo de forma simplificada os fundamentos da Daseinsanalyse e buscando mostrar como é trabalhar sob o enfoque daseinsanalítico na clínica psicológica. Num segundo momento, explico como o conceito de metodologia na

⁴ **Álvaro Vieira Pinto** (1909-1987), brasileiro, tradutor, filósofo, professor e pesquisador com atuações em educação, medicina, matemática, demografia e física.

Daseinsanalyse segue na mesma direção que o conceito de técnica da Técnica Klaus Vianna para, em seguida, colocar a Daseinsanalyse em diálogo com o pensamento de Klaus Vianna sobre corpo e dança que deu origem e embasamento à técnica. Esse diálogo nos mostra que ambos possuem muitas ideias em comum no que diz respeito ao entendimento de Ser Humano e possibilitam um caminho que nos leva à promoção de Saúde através do autoconhecimento e da autonomia. São levantadas reflexões que podem contribuir com qualquer profissional que queira, mais que compreender os Seres Humanos de maneira geral, compreender cada Ser-Humano em sua singularidade, sem desconsiderar a diversidade e a coletividade que essa singularidade implica.

2. O INTERESSE PELA DASEINSANALYSE

Gaiarsa (2006) comenta que nos cursos de Psicologia do Brasil, Freud⁵, Jung⁶, a Psicologia Experimental⁷, o Comportamentalismo⁸ e a Neuropsicologia⁹ ganham significativo destaque, e na minha formação foi mais ou menos isso que aconteceu. Estudei brevemente desde a filosofia grega antes de existir uma psicologia propriamente dita, passando por uma psicologia pré-científica até chegar na Psicologia enquanto Ciência¹⁰ e profissão. A partir deste ponto, a Psicanálise e o Comportamentalismo, ambas as abordagens com fundamentação nas Ciências Naturais¹¹, foram dominantes até o fim do meu curso. A Daseinsanalyse, metodologia com a qual escolhi atuar, recebeu carga horária e importância acadêmicas significativamente menores.

A Daseinsanalyse foi considerada pela maioria dos acadêmicos que convivi como “menos importante”, “alternativa” e “marginal” por não corresponder satisfatoriamente aos parâmetros de uma Psicologia puramente científica, desejo este que, segundo Roehle¹² (2006), faz parte da Psicologia desde o final do século XIX, quando assumiu para si os objetivos das Ciências Naturais e emancipou-se da Filosofia para obter relevância e credibilidade. A partir desse momento, de acordo com Luijpen¹³ (1973), o que no homem não pôde ser calculado e medido para tornar-se problema científico, foi negado pelo psicólogo-cientista. Segundo Colpo¹⁴ (2013), determinismo, mecanicismo, racionalismo, objetividade, certeza e

⁵ **Sigmund Freud** (1856-1939), austríaco, médico neurologista criador da Psicanálise.

⁶ **Carl Gustav Jung** (1875-1961), suíço, psiquiatra e psicoterapeuta fundador da Psicologia Analítica.

⁷ **Psicologia Experimental.** Teve como pioneiros o físico alemão Gustav Theodor Fechner por volta da década de 60, e o psicólogo alemão Wilhelm Wundt, por volta da década de 70. Tem como objeto de estudo o comportamento observável a fim de testar experimentalmente, com manipulação e medição precisas das variáveis, modelos e teorias para a formulação de leis universais, assim como a Física.

⁸ **Comportamentalismo.** Conjunto das teorias psicológicas que postulam o comportamento como o mais adequado objeto de estudo da Psicologia. Teve como precursors Vladimir Mikhailovich Bechterev, Ivan Petrovich Pavlov, John B. Watson, Edward C. Tolman, Clark L. Hull e Burrhus F. Skinner.

⁹ **Neuropsicologia.** O termo é atribuído a Donald Olding Hebb. É um campo da neurociência que faz interface entre psicologia e da neurologia, estudando as relações entre cérebro e o comportamento humano.

¹⁰ **Ciência.** Utilizada neste trabalho enquanto método científico, não enquanto conhecimento.

¹¹ **Ciências Naturais.** Visam estudar a natureza em seus aspectos mais gerais e fundamentais, entendendo que tudo, inclusive o Ser-Humano, é regido por regras e leis com validade universal.

¹² **Marcelo Vial Roehle**, brasileiro, graduado em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Mestrado em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Doutor em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Professor da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará.

¹³ **Wilhelmus Antonius Maria Luijpen** (1922-1980), holandês, sacerdote católico e filósofo fenomenólogo existencial.

¹⁴ **Marcos Oreste Colpo**, brasileiro, graduado em Psicologia, especialista em Psicologia Clínica, mestrado e doutorado em Filosofia da Educação pela Universidade de São Paulo, professor Doutor do curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, psicólogo clínico de adolescentes, adultos e

previsibilidade se tornaram imperativos em grande parte das teorias psicológicas no fim do século XIX e início do século XX a fim de alcançarem os princípios universais e inquestionáveis da Ciência.

De acordo com Boss¹⁵ (1977), todas as psicologias com fundamentação científica descendem de uma antropologia cuja ideia básica da natureza do homem já nos é revelada pelos títulos “Psicoterapia”, “Psicopatologia” e “Psicologia”: essas ciências e esses métodos de tratamento são assim chamados porque acreditam pré-cientificamente na existência de uma “psique” junto com um corpo. Segundo o mesmo autor, as palavras “Psicologia”, “Psicopatologia” e “Psicoterapia”, traduzidas do grego, significam estudo da psique sadia e doente e de como curá-la; e a palavra “psique”, de procedência grego-antiga, era entendida por Aristóteles¹⁶ como uma determinada maneira de existir, como aquele modo de ser que distingue os seres vivos. Porém, mais tarde, na idade média e mais fortemente nos tempos modernos com Descartes¹⁷, a “psique” ganhou outro significado, tornou-se uma coisa substancial que se encontra em algum lugar no espaço; Descartes chamou esta coisa de “Res cogitans”, elevando a “psique” a um espírito humano, a algo como o fundamento de todo o restante (BOSS, 1977). Desde Descartes, o espírito humano se tornou a base de todas as outras realidades do mundo que o homem é capaz de lançar para si como seus objetos (BOSS, 1977).

Ainda Segundo Boss (1977), a “Res cogitans” de Descartes foi assimilada pela psicologia na forma de um “aparelho psíquico” na metapsicologia de Freud, foi introduzida na medicina na forma de um “sujeito” e depois ganhou o nome de “pessoa” ou “personalidade”. A Psicologia comportamental também reconhece essa “psique” e decide trabalhar apenas com o que dela aparece em forma de comportamento, e os conceitos de “inconsciente” e “consciente” como repartições da “psique” também estão de acordo com essa mesma concepção de “psique”. Para Boss (1977), apesar dos nomes diversos, todas as psicologias, psicopatologias e psicoterapias têm como base a existência dessa formação psíquica do tipo cápsula, fechada e existente por si, pois compartilham da ideia fundamental de que imagens e

casais na Abordagem Daseinsanalítica, membro efetivo e diretor da Associação Brasileira de Daseinsanalyse – ABD, coordenador da Revista Daseinsanalyse, pesquisador na Universidade Católica de Pernambuco.

¹⁵ **Medard Boss** (1903-1990), suíço, psiquiatra e psicoterapeuta que desenvolveu a Daseinsanalyse, como será explicado nesta monografia mais adiante.

¹⁶ **Aristóteles** (384 a.C. – 322 a.C.), grego, filósofo que abrangeu diversos assuntos como física, metafísica, poesia, música, lógica, retórica, governo, ética, biologia, zoologia e que, juntamente com Sócrates e Platão, é visto como fundador da Filosofia Ocidental.

¹⁷ **René Descartes** (1596-1650), francês, filósofo, físico e matemático que revolucionou a filosofia e a Ciência em sua época, sendo hoje considerado o fundador da filosofia moderna, o “pai” da matemática moderna e um dos pensadores mais importantes e influentes da História do Pensamento Ocidental.

objetos do mundo exterior são projetados para dentro desta “psique” onde são formadas as percepções psíquicas internas, ou seja, as ciências psíquicas defendem a existência de um interior e de um exterior do homem.

Segundo Boss (1977), todas as psicoterapias fundamentadas cientificamente são orientadas pelo conceito de Homem de Descartes, pela sua mentalidade subjetivista e possessiva que garante ao homem poder tornar-se mestre e possuidor da natureza. Para isso, verdade e realidade passaram a ser somente aquilo que se pode ser medido e calculado com exatidão para ser determinado com certeza, reduzindo a visão do Homem àquilo que no mundo é mensurável e empobrecendo, assim, seu relacionamento com o mundo. Para Boss (1977), as psicologias científicas podem estar contribuindo para o aumento do poder deste sujeito dominador do mundo externo que está se tornando dominador, inclusive, dos seus semelhantes; o que explica, ainda segundo o mesmo autor, o fato de o mundo estar sendo vivido principalmente pelos jovens criativos como uma prisão insuportável.

Diante disso, quando me formei psicóloga, busquei uma metodologia que me desse uma orientação menos dominadora e mais rica dos seres humanos no sentido de não considerar apenas aquilo que em meus pacientes pudesse ser medido e calculado com exatidão para gerar certezas, mas que me ajudasse a orientar meus pacientes a se relacionarem com o mundo de uma maneira menos empobrecida, restritiva e possessiva. Como coloca Roehe (2006), a psicologia não precisa adotar o modelo das Ciências Naturais para adquirir credibilidade. Foi nisso que Medard Boss, psiquiatra fundador da Daseinsanalyse, também acreditou e é nisso que eu tenho acreditado.

Reconheço todas as demais abordagens e sei que muitos caminhos são possíveis, mas é preciso escolher um, e esta escolha deve ser coerente com as questões de cada psicólogo, com suas visões de homem e de mundo – por isso escolhi a Daseinsanalyse: como Boss (1977) sugeria, busquei um método que não dominasse meus pacientes, mas que se orientasse por eles; fugi de um cientificismo (ou cientismo) que, como escreve Luijpen (1973), afirma não haver outras realidades se não as descobertas pelas Ciências Naturais e fugi de um “Psicologismo” que, também como explica este mesmo autor, reduz todos os problemas e questões lógicas, morais, estéticas e metafísicas a problemas psicológicos; busquei outro olhar para o que é saúde e doença, para o que é considerado “normal” e “anormal”; busquei um olhar que considerasse a singularidade e a multiplicidade de homens e mundos humanos.

2.1 SOBRE A DASEINSANALYSE

2.1.1 Breve histórico

Segundo Luijpen (1973) e o site da Associação Brasileira de Daseinsanalyse (ABD)¹⁸, o filósofo alemão Martin Heidegger (1889 – 1976), muito influenciado pelo filósofo Edmund Husserl¹⁹, desenvolveu uma Fenomenologia Hermenêutica que influenciou o existencialismo e que também foi influenciada por este. É importante ressaltar, ainda segundo o mesmo autor, que Heidegger não se considerava um existencialista e que não adotou a posição anti-científica (apesar de criticar a soberania da Ciência) e nem o conceito de “essência” do existencialismo; para este a existência precede a essência e, para Heidegger, a essência é a própria existência.

Entretanto, assim como os existencialistas, segundo Luijpen (1973), Heidegger considera que o homem é existência, e essa existência é original, pessoal e única, frisando a unicidade e a excepcionalidade dela em detrimento da universalidade do conhecimento exigida pela Ciência. E, assim como na Fenomenologia de Husserl, para Heidegger, consciência não é considerada uma instância, algo em si já dado, mas sim enquanto conhecimento, enquanto direção da consciência para compreender o mundo, enquanto intencionalidade - ela é na relação com algo, ela é sempre consciência de algo; e o Fenômeno também é um objeto intencional que se mostra parcialmente a essa consciência intencional – parcialmente porque nunca teremos (nem se pretende ter) a totalidade do indivíduo e nunca chegaremos (nem se pretende chegar) à verdade absoluta (LUIJPEN, 1973).

Na obra “Ser e Tempo” (1927) de Martin Heidegger, segundo o site da Associação Brasileira de Daseinsanalyse (ABD), as designações de “Análise do Dasein” e “Dasein Analyses” apareceram pela primeira vez. Os termos “ser” e “tempo” tinham como objetivo denominar a explicitação filosófica dos “existenciais”, isto é, das características ontológicas (estruturais e fundamentais) constituintes do existir humano. Ainda segundo o mesmo site, Heidegger descreveu como “existenciais” a abertura original ao mundo, a temporalidade do

¹⁸ **Associação Brasileira de Daseinsanalyse.** Sigla ABD. Inicialmente chamava-se Associação Brasileira de Análise e Terapia Existencial - Daseinsanalyse (ABATED) e foi fundada em 1973 pelo médico e psicoterapeuta Dr. Solon Spanoudis e um grupo de colaboradores, ambos inspirados na obra do psiquiatra e daseinsanalista Medard Boss que passou também a integrar o grupo de colaboradores. Medard Boss acolheu a ABATED como filiada à associação de Daseinsanalyse de Zurique a partir de maio de 1974. Em 1985, a ABATED foi renomeada como Associação Brasileira de Daseinsanalyse (ABD). Endereço eletrônico: <http://www.daseinsanalyse.org.br>

¹⁹ **Edmund Gustav Albrecht Husserl** (1859 – 1938), alemão, matemático e filósofo, fundou a Escola da Fenomenologia e trabalhou com o método da redução fenomenológica.

homem, sua espacialidade original, sua afinação ou estado de humor, seu estar-com-o-outro e sua corporeidade, e a análise desses “existenciais” foi chamada de “Daseinsanalytik”.

Segundo Luijpen (1973), o psiquiatra suíço Ludwig Binswanger (1881-1966), influenciado por Husserl e pela obra “Ser e Tempo” (1927) de Heidegger, começou a questionar os limites da aplicação do método das Ciências Naturais na Psiquiatria e percebeu a importância da concepção heideggeriana da essência do existir humano nesta área. De acordo com o site da Associação Brasileira de Daseinsanalyse (ABD), Binswanger, com sua metodologia própria baseada na analítica proposta por Heidegger, deu o primeiro passo para a constituição de uma “Daseinsanalyse” - utilizando este conceito, que era originalmente de ordem puramente filosófica e ontológica (“onto” - Ser, “lógico” – estudo: estudo da estrutura do Ser), num sentido completamente diferente, ôntico (“ôntico” – vivência: como vive o Ser), e procurou mostrar como a ciência deixava de fora a especificidade da experiência e do comportamento humano, perdendo, por isso, o fundamental do que é o Ser.

Ainda de acordo com o site da Associação Brasileira de Daseinsanalyse (ABD), Binswanger considerou que uma “Daseinsanalyse Psiquiátrica” seria um método de investigação para compreender e descrever, sob o ângulo fenomenológico de Heidegger, as síndromes e os sintomas concretos, distintos e diretamente perceptíveis da psicopatologia, afastando-se do método científico que até então prevalecia na Psiquiatria e na Psicanálise. Segundo o mesmo site, Binswanger apoiou-se na “desconstrução” proposta por Heidegger da ideia cartesiana que divide o mundo em sujeito e objeto, pois ela seria prejudicial para a Psiquiatria; para Binswanger, a concepção de uma “res-cogitans” existindo primordialmente em si não consegue explicitar como esse “espírito humano” pode se dar conta da existência do mundo exterior, como esse espírito pode sair dele mesmo e descobrir o que compõe esse mundo e atingi-lo.

Entretanto, de acordo com o site da Associação Brasileira de Daseinsanalyse (ABD), Binswanger afastou-se do pensamento heideggeriano no que diz respeito ao “cuidado”, achando necessário acrescentar o conceito de “amor”, não percebendo que neste termo, empregado num sentido ontológico por Heidegger, já estavam incluídas todas as formas de relações afetivas, inclusive o amor. Ainda de acordo com o mesmo site, Binswanger, posteriormente, reconheceu o engano e deixou de qualificar suas pesquisas como Daseinsanalíticas, passando a voltar-se mais para o pensamento de Husserl e denominando sua nova orientação de pesquisa de “fenomenologia antropológica”.

O psiquiatra e psicoterapeuta suíço Medard Boss (1903-1990), também segundo informações do site da Associação Brasileira de Daseinsanalyse (ABD), descontente com os fundamentos da Psiquiatria tradicional e estimulado pelos trabalhos de Binswanger, voltou-se para o pensamento de Heidegger motivado por preocupações de ordem terapêutica; e Heidegger, então, ajudou Boss pessoalmente e através de cartas a desenvolver e articular o método terapêutico “Daseinsanalysis” - mas Boss fazia questão de diferenciar a Análise do Ser feita por Heidegger de seu método de terapia, pois o fato de o último se basear no primeiro não significa identidade total. Heidegger e Boss proferiram juntos diversos seminários com reflexões clínicas (por aproximadamente dez anos) para os alunos de psiquiatria de Boss interessados nesse novo método - seminários estes que culminaram posteriormente no livro “Seminários de Zollikon” (1987), livro de grande importância para a Daseinsanalyse por apresentar seus fundamentos (LUIJPEN, 1973; COLPO, 2013).

De acordo com o site da Associação Brasileira de Daseinsanalyse (ABD), Gion Condrau (1919-2006), filósofo, psiquiatra e neurologista, aluno de Boss e participante dos seminários de Zollikon, foi co-fundador e diretor do Instituto Daseinsanalytic para Psicoterapia e Psicossomática em 1971, posteriormente conhecido como Escola de Daseinsanalysis de Zurique, na Suíça. Ainda segundo o mesmo site, neste mesmo ano também foi fundada a Sociedade Suíça de Daseinsanalyse; em 1973 foi fundada a Associação Internacional de Daseinsanalyse que compreende organizações em Boston, Tel-Aviv, Buenos Aires, Mendonça e São Paulo; e em 1990, Condrau juntamente com o grupo de Zurique fundou a Federação Internacional de Psicoterapia Daseinsanalítica.

Segundo informações do site da Associação Brasileira de Daseinsanalyse (ABD), o termo “Daseinsanalyse” foi traduzido por “Analyse Existentielle” em francês, “Existential Analysis” em inglês e “Análise Existencial” ou “Análise Fenomenológico Existencial” em português, entretanto essas denominações passaram a abranger divergentes concepções da existência humana e métodos terapêuticos. Sendo assim, passou-se a manter o termo alemão “Daseinsanalyse” para distinguir a metodologia psicoterápica desenvolvida por Medard Boss de todas as outras. Como escreve Boss (1977), todos buscaram novos horizontes para a compreensão dos problemas humanos, buscaram uma nova concepção a respeito do existir do homem na tentativa de livrá-lo das amarras do pensamento materialista e tecnocrata que pretende explicar cientificamente os fenômenos humanos em vez de procurar compreendê-los.

A Daseinsanalyse não deve ser considerada como uma escola a mais ao lado de outras, pois sua abordagem do existir humano não leva a quaisquer conclusões científicas. Esta nova

visão é um caminho, um meio de acesso para uma aproximação entre Filosofia, Medicina e Psicologia na compreensão do fenômeno do existir humano.

2.1.2 Daseinsanalyse não é Teoria Psicológica

Segundo Sapienza²⁰ (2004), Teoria Científica é um conjunto de hipóteses sistematicamente organizadas que pretende, através de sua verificação, confirmação ou refutação, explicar uma determinada realidade. Para Pisani et. al. (1990), Teoria é um sistema conceitual coordenado que tem por objetivo dar coerência racional a um corpo de leis empíricas, das quais se podem deduzir teoremas cujos valores preditivos podem ser aprovados. Uma Teoria da Personalidade seria, então, a organização do conjunto total de conhecimentos sobre o comportamento humano para abranger e predizer a conduta humana, ou boa parte dela (PISANI et. al., 1990).

Desta forma, a Psicologia que aspira ser científica deve propor hipóteses e verificá-las a partir de relações causais na tentativa de estabelecer leis que expliquem os mecanismos de funcionamento cerebral relacionados aos aspectos mentais, que expliquem o psiquismo concebido como uma estrutura e que expliquem o comportamento humano (SAPIENZA, 2004). Mas, como comenta Sapienza (2004), “(...) se você escolheu o referencial da fenomenologia para trabalhar, e ainda mais especificamente a Daseinsanalyse, você não está trabalhando com base numa teoria científica de psicologia (...)” (SAPIENZA, 2004, p. 52).

Segundo Boss, para Heidegger, ao contrario do que afirmam todas as teorias psicológicas, não se pode provar que um fenômeno, apenas por ser cronologicamente anterior, seja a causa efetiva de tudo que o segue; e igualmente, não se deve degradar todos os fenômenos que ocorrem posteriormente, pelo mesmo motivo cronológico, a meros produtos secundários, a formações reativas ou sublimativas do fenômeno anterior. Se o psicólogo opera nessas cadeias de causa e efeito com pressa de elaborar hipóteses e de dar explicações do que pode estar atuando por detrás dos fenômenos, ele marca todos esses fenômenos como não autênticos, como derivações ou apenas expressões dos anteriores, ou seja, ele perde toda a autenticidade e a originalidade de cada fenômeno humano, e perde, por isso, a possibilidade de ver os próprios fenômenos de forma imediata (BOSS, 1977).

²⁰ **Maria de Jesus Tatit Sapienza**, brasileira, pedagoga, psicóloga, especialista em Orientação Educacional, Mestre em Psicologia Educacional pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Nas referências bibliográficas desta monografia seu nome aparece assim como citado no livro aqui utilizado (Bilê Tatit Sapienza).

Na Fenomenologia, a palavra grega “logos” não é compreendida pelas referências metafísicas que a interpretam como razão, juízo, conceito, definição, fundamento, proporção e relação, mas pelo seu sentido originário, que é discurso, no sentido de deixar e fazer ver, de retirar algo do velamento (BOSS, 1977). É preciso permitir que o que existe se manifeste como aquilo que ele mesmo nos revela, desistindo de explicar a priori os fenômenos com quaisquer causas supostas por detrás deles; é preciso interrogar os fenômenos sobre o conteúdo que eles expõem imediatamente para não desviar-se do que é decisivo: o sentido (COLPO, 2013; BOSS, 1977). Heidegger dedica “Ser e Tempo” (1927) à busca do sentido do ser, à busca de desvelar esse ser, pois, para ele, toda a metafísica ocidental se fez justamente em seu esquecimento (HEIDEGGER, 2008).

De acordo com Pompéia²¹ e Sapienza (2013), a Daseinsanalyse não comprime em diagnósticos as pessoas cujo comportamento destoa do esperado, mas coloca-se em abertura diante delas, evitando categorizações e hipóteses, e recusando-se a ficar preso aos esquemas puramente intelectualizados. Segundo Boss (1977), o apelo intelectual à razão e ao raciocínio não é suficiente, pois não é a cabeça ou o intelecto do paciente que está a sofrer, mas a sua existência; por isso, em procedimentos psicoterápicos puramente intelectualizados que apelam para a razão, o resultado acaba sendo muito mais uma acrobacia intelectualista. Heidegger e Boss (2009) alertam-nos que, com o modo de pensar científico habitual, perdemos a capacidade de nos maravilhamos com o óbvio e com o simples, por isso a Daseinsanalyse se constitui justamente pela apreensão da simplicidade da presença daquilo que é, e isso pode ser tomado, enganosamente, como fácil e superficial. Entretanto, uma compreensão não é mais profunda porque perfura mais “camadas” e desvenda as “verdades ocultas” das “profundezas” do Ser, mas porque abarca melhor o que se manifesta, que nunca é um item isolado, mas é sempre algo que deve fazer sentido dentro da rede de significados que é o mundo daquele paciente (SAPIENZA, 2004).

Por isso, a Daseinsanalyse nada tem a ver com uma teoria a respeito do real nem tampouco com uma teoria psicológica, porém, isso não significa trabalhar sem referências numa improvisação irresponsável, como bem lembra Sapienza (2004). Segundo a mesma autora, a Daseinsanalyse é um fazer que exige fundamentação de outra natureza, pois o fenômeno com o qual lidamos é a existência, e segundo a Fenomenologia hermenêutica de Heidegger, a existência é, em cada caso, a minha, a sua, a do paciente – não é um psiquismo

²¹ **João Augusto Pompéia** (1971), brasileiro, psicólogo e psicoterapeuta, participou da criação da Associação Brasileira de Daseinsanalyse (ABD), onde ainda oferece cursos a profissionais interessados nessa formação, e lecionou Psicologia na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

que precisa de uma teoria psicológica científica para ser explicado. E ir atrás do significado de cada caso em especial contraria mesmo qualquer teoria de psicologia (SAPIENZA, 2004; COLPO, 2013). Como defende Sapienza (2004), quando estou com o paciente em minha sala, não somos eu, ele e minha teoria / técnica de psicologia que explica previamente os fenômenos; somos solicitados a ter para cada uma dessas existências um olhar especial, único e atento ao sentido de cada vida em especial.

A Daseinsanalyse é um posicionamento metodológico. Segundo Heidegger e Boss (2009), a palavra “Método” significa “o caminho” e, para ele, a Daseinsanalyse é um caminho que visa deixar presente aquilo que se mostra, é um caminho de aproximação do fenômeno com o objetivo de compreendê-lo, não de explica-lo; e este caminho possibilita maior liberdade prática em relação às técnicas decorrentes de um posicionamento teórico, justamente por que privilegia sempre o fenômeno, no caso, a pessoa assim como ela se apresenta. De acordo com Sapienza (2004) e Angerani-Camon²² (2004), a decisão sobre o caminho a ser tomado no atendimento não é definitiva, o psicólogo pode mudar de direção a qualquer momento - são definidas etapas sem estruturas rígidas que podem ser modificadas a qualquer instante de acordo com a necessidade de cada paciente – o caminho se faz caminhando.

Muito importante ressaltar que a Daseinsanalyse suspende as teorias de psicologia sempre ciente do que exatamente está suspendendo. De forma alguma ignora todo o conhecimento que a psicologia já construiu, e nem seria possível uma coisa dessas, porque, como Sapienza (2004) comenta, somos “ser-no-mundo”, e a palavra “mundo” nessa expressão de Heidegger significa entrelaçamento de referências, e, além disso, as Teorias são explicações amplas e gerais que falam de gente, e gente tem muita coisa em comum, o que nos confirma que muitas vezes elas podem sim ser aplicáveis aos casos dos pacientes (SAPIENZA, 2004). Como bem coloca Sapienza (2004):

“As teorias explicam o pensamento do homem, suas emoções, seu desenvolvimento; explicam o porquê de certas patologias. Todas elas têm algo a dizer, e é importante que o profissional que se propõe a tratar de seres humanos não ignore as ciências e os saberes todos que descrevem o homem” (SAPIENZA, 2004, p. 14).

²² **Valdemar Augusto Angerami-Camon**, brasileiro, psicólogo, um dos precursores do trabalho de psicólogo em hospitais, um dos participantes de uma equipe de trabalho que criou um modelo de atendimento em hospitais para pessoas que haviam tentado suicídio, publicou muitos escritos sobre Psicologia Hospitalar e Psicoterapia Existencialista.

O que devemos fazer é não deixar que as teorias psicológicas funcionem como crivos colocados na frente de nossos pacientes ou como formas nas quais esses pacientes devam se encaixar a qualquer custo. O fenômeno da existência deve ser mais importante que qualquer teoria (ANGERANI-CAMON, 2004).

2.1.3 Fundamentos da Daseinsanalyse

Para a Fenomenologia Hermenêutica de Heidegger, e conseqüentemente para a Daseinsanalyse, Fenômeno é aquilo que se manifesta, e, como já dito anteriormente, o fenômeno em questão é a existência do homem. A Daseinsanalyse é baseada na compreensão de como o fenômeno da existência humana se mostra a si mesmo em sua aceitação do que é (ontológico) e de como é (ôntico) (LUIJPEN, 1973). Essa compreensão é histórica e não é definitiva, pois compreender a existência é apreender as possibilidades que se desdobram nela e apreender o sentido dessa existência, e essas possibilidades e esse sentido são mutáveis, variantes (ANGERANI-CAMON, 2004).

A existência é o modo humano de ser, é o modo específico de ser do homem, é a própria essência do homem – essência no sentido de que é a existência que faz o homem ser exatamente o que é (ontologicamente), e não uma planta, um animal ou uma coisa; é invariante e persistente no sentido de não ser uma qualidade que o homem tem ou não tem, que ele assume ou não assume (LUIJPEN, 1973). Mas essa existência não é estática, no sentido de um dado existente em si mesmo ou uma mera substância, pois essa existência é possibilidade, é acontecimento, é sempre “sendo”. O Dasein, sendo, “des-cobre”, e é sendo “des-cobridor” que o Dasein conhece, e ele está sempre conhecendo, ele é conhecendo (POMPÉIA, 2013).

Como ressaltado por Pompéia (2013), temos a necessidade do sentido: a dimensão fundamental do homem é a necessidade de buscar e atribuir sentido às coisas, às experiências, à própria vida, ao mundo. Para a existência humana tudo passa, mas não passa, fica, passa e volta, passa e pode ser resgatado - se meramente passasse e se tornasse nada, seria impossível perceber algum sentido na vida (POMPÉIA, 2013). Sentido é o contexto no qual se mantém a possibilidade de compreensão de alguma coisa, significa a perspectiva a partir do qual alguma coisa pode ser concebida como aquilo que ela é (HEIDEGGER, 2009).

A Daseinsanalyse procura o sentido da existência de cada ser humano em sua experiência pessoal, pois o ser é, em cada caso, o meu, o seu, o do outro (POMPÉIA;

SAPIENZA, 2013). O sentido da existência é dado onticamente, ou seja, na vivência de cada paciente, e a perda de sentido é uma situação extremamente ameaçadora à existência, pois é próprio do homem estar sempre às voltas com o significado de tudo que lhe diz respeito (POMPÉIA; SAPIENZA, 2013). Por isso, na Daseinsanalyse, a significação ou a ressignificação da existência deve ser primordialmente considerada e buscada. Os psicofármacos, por exemplo, eliminam os sintomas, mas não trazem para o paciente os significados que ele precisa, pois a única preocupação é acabar rapidamente com o sofrimento, junto com os sintomas; porém, desta forma, eliminam-se junto os significados e o sentido da vivência que poderiam emergir se os sintomas fossem olhados com mais paciência (POMPÉIA; SAPIENZA, 2013).

Conforme dito anteriormente, em “Ser e Tempo” (1927) Martin Heidegger explicitou as características ontológicas, que são as estruturas constituintes do existir humano as quais chamou de “existenciais”. As existenciais são a base para lidar com as questões ônticas, ou seja, como cada um vivencia a sua própria existência. Por isso, é importante detalharmos um pouco mais essas características denominadas existenciais:

2.1.3.1 A abertura original ao mundo

A existência humana, tão citada acima, é chamada por Heidegger de “Dasein” em alemão, que em português significa Ser-Aí; o “Aí” desta expressão refere-se ao mundo, é constitutivo existencial sem o qual não há homem - o Ser-Aí é um Ser-no-Mundo (REHFELD²³, 2004).

O homem não é primeiro homem para depois estabelecer ou não uma relação com o mundo (LUIJPEN, 1973). Segundo Boss (1977), existimos sempre e fundamentalmente numa relação compreensiva com as coisas que encontramos, seja uma planta, um animal ou o próximo; e essa relação é chamada de compreensiva porque nela tudo (as coisas, eu e o outro) pode revelar-se, aparecer, mostra-se, fazer-se compreender - e isso é possível porque a condição básica e fundamental do Ser-Aí é clareira, é abertura ao mundo, ou seja, ele é constantemente chamado, solicitado, reivindicado por tudo que vem ao seu encontro, sejam as coisas ou os outros. O Ser-no-mundo é um ponto de encontro, um cruzamento de conexões e relações com tudo aquilo que na vida dele ganha presença e sentido; e é nesse estar-solicitado

²³ **Ari Rehfeld**, brasileiro, graduado em psicologia e filosofia, Gestalt-Terapeuta, deu atenção especial à Fenomenologia como tema de estudo e foi o primeiro professor de Fenomenologia no primeiro curso de especialização em Gestalt-Terapia do Instituto Sedes Sapientiae.

no mundo e pelo mundo que se abre também para o Homem o sentido de sua própria existência (DANTAS²⁴, 2011; BOSS, 1977).

Contudo, segundo Boss (1977), o ser humano pode também fechar-se diante dessas reivindicações, pois ele tem possibilidade de escolha – e essa possibilidade de corresponder ou de esquivar-se delas diz respeito à característica básica da liberdade humana. As possibilidades e solicitações sempre se abrem até a finitude do Ser-Aí, que é a morte - até a morte, as possibilidades são infinitas, sendo impossível responder a todas elas; por isso, o Ser-no-mundo está sempre em falta consigo mesmo e com o mundo, pois não se pode responder a todos os chamados, alguma coisa sempre faltará, principalmente, porque sou finito (BOSS, 1977).

O mundo considerado pela expressão ser-no-mundo de Heidegger diz respeito ao mundo vivido, cheio de significados atribuídos o tempo todo pelo próprio Ser-Aí, diferentemente do mundo para o qual a Ciência descobre e atribui seus próprios significados (LUIJPEN, 1973). De forma semelhante, a existência aqui considerada também é diferente da que é tomada pela Ciência: Heidegger abandona qualquer determinação do homem como sujeito psicológico ou transcendental, pois acredita que a essência humana não pode ser determinada “a priori” (DANTAS, 2011). Para a Daseinsanalyse, apenas é possível compreender o homem a partir de sua própria historicidade num mundo que também tem sua história, pois enquanto ser-no-mundo, o Ser-Aí sempre é lançado em certo contexto histórico. Além disso, o homem é projeto, é tarefa-no-mundo, portanto jamais está acabado, pois, uma tarefa acabada não é mais tarefa, e um homem acabado não é mais homem (LUIJPEN, 1973).

O ser do homem é ação ainda que resolva não mais se realizar, pois não fazer nada é ainda fazer alguma coisa, é ainda realizar-se embora somente como preguiçoso, inerte ou qualquer outra qualidade; e, da mesma forma, mesmo que se decida não mais envolver-se no mundo, constrói, ainda assim, um determinado mundo (LUIJPEN, 1973). O homem se faz a cada segundo, cria o mundo e a si mesmo justamente no viver, vivendo (ANGERANICAMON, 2004).

²⁴ **Jurema Barros Dantas**, brasileira, psicóloga, especialista em Psicologia Clínica Fenomenológico Existencial pelo Instituto de Fenomenologia do Rio de Janeiro, Mestre em Psicologia na área de Estudos da Subjetividade, Doutora em Psicologia Social na área de História Social, Imaginário e Cultura, professora adjunta do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Ceará, coordenadora do Laboratório de Estudos em Psicoterapia, Fenomenologia e Sociedade (LAPFES/UFC), líder do Diretório de Pesquisa do CNPq: Psicoterapia, Fenomenologia e Sociedade.

2.1.3.2 A temporalidade do homem

Para a Daseinsanalyse, a existência humana lida sempre com esperança e falta, pois ela é fundamentalmente um constante vir-a-ser para a qual as possibilidades vão se desdobrando sempre, e o Dasein projeta-se, sonha, faz planos para ir em frente, para desenvolver-se e realizar-se; e ao mesmo tempo, essa mesma existência é fundamentalmente um ser-para-a-morte, e essa finitude da vida não deve ser negligenciada pelo homem, pelo contrário, deve se manter a vista para que ele aprenda a lidar com o fato de que, como foi dito anteriormente, sempre vai faltar alguma coisa - a existência humana não pode tudo porque o tempo dela se esgota, e ter isso diante de nós nos desperta da banalização das coisas (POMPÉIA; SAPIENZA, 2013; SAPIENZA, 2004).

Como salienta Sapienza (2004), a falta perpassa toda a temporalidade do Dasein, pois o passado faltou, não foi completo; o futuro é vir-a-ser, é “ainda não”, falta ser, e isso é o que move o Dasein, mas o realizar-se de algumas possibilidades abertas elimina outras, e algumas jamais serão realizadas porque não haverá tempo; e o presente é limitado a todo tempo pelas próprias circunstâncias da vida que, juntamente com nossas escolhas, impõem limites (POMPÉIA; SAPIENZA 2013; SAPIENZA, 2004).

Todo o já “sido” da existência humana - seu passado - não fica para trás, permanece ali, e isso é que sustenta o que se torna possível agora. Outras possibilidades aparecem, outras formas de relacionamento com o mundo aparecem, mas elas não competem com as anteriores ou as substituem, pois elas somente são possíveis a partir das anteriores. O desenvolvimento humano deve ser compreendido como uma constante ampliação do que já foi, do que está sendo e do que gradativamente se torna possível ser; deve ser compreendido como um processo de construção próprio de cada um, diferentemente do entendimento tradicional da psicologia que entende o desenvolvimento humano como uma sucessão de fases ou etapas que vão deixando as outras para trás (POMPÉIA; SAPIENZA, 2013).

A maturidade, para a Daseinsanalyse, está relacionada à aceitação da falta e da finitude da existência, é conseguir conviver com isso. Mas essa maturidade é entendida como transitória, não há posse dela – ter maturidade – pois para a Daseinsanalyse ela é essencialmente temporal, e isso significa que o Dasein, uma vez maduro, não está imune às manifestações que o tempo continua trazendo, o Dasein não se imuniza do tempo, não há como fugir do tempo do relógio. Por isso, os momentos da maturidade são apenas momentos (POMPÉIA; SAPIENZA, 2013).

É muito importante, dentro da Daseinsanalyse, ajudar o paciente a compreender como ele vivencia esse tempo do relógio e como vivencia o seu próprio tempo e a sua própria finitude momento presente, no aqui e agora. A Daseinsanalyse vai buscar aquele tempo chamado pelos gregos de “Kairós”, que é um tempo enquanto oportunidade, um tempo propício para alguma coisa, um tempo vivido por cada Ser-Aí em particular. O importante é buscar os significados do que é vivido - mais importante que os fatos do tempo é como eles foram e estão sendo vividos, significados e ressignificados, porque o que acontece num determinado dia não se esgota ali, o significado do ocorrido se prolonga e pode mudar com o passar do tempo. Por isso, é importante buscar a descrição do vivido visando sempre à qualidade da experiência com o outro no mundo, pois quanto mais consciência desse tempo particular, mais tempo e menos pressa (POMPÉIA; SAPIENZA, 2013; SAPIENZA, 2004; REHFELD, 2004).

2.1.3.3 A espacialidade original

O homem é o que é justamente por ser lançado num mundo desde o seu nascimento, cabendo a ele dar conta de si mesmo a partir das possibilidades que lhe são disponibilizadas historicamente no mundo em que vive, porque Homem e mundo formam um único fenômeno, o “ser-no-mundo” - não há como separa-los e, além disso, não existe um mundo-em-si, mas muitos mundos humanos com diferentes significações conforme as atitudes e pontos de vista desta e daquela existência (LUIJPEN, 1973).

Segundo Boss (1977), se compreendermos a existência humana como “ser-no-mundo”, não há dentro e fora do mundo – extramundano - pois nunca poderíamos pegar e captar algo se não estivéssemos no mundo junto às coisas exatamente onde estão como um “poder-perceber” e um “ser-solicitável”. Para poder perceber algo como sendo do mundo externo, o homem já tem que estar além de uma cápsula-psiquê, cápsula pessoa, ou cápsula sujeito: ele tem que estar lá “fora”, neste mundo externo, junto de suas realidades (BOSS, 1977). Estamos constantemente em relação, envolvidos de uma forma ou de outra com aquilo que encontramos, podendo corresponder ou não àquilo que se mostra, justamente porque Dasein é espaço de relações e significações devido a sua própria condição fundamental que é ser-no-mundo (BOSS, 1977).

Ser-no-mundo não significa apenas estar fisicamente dentro de um mundo físico, nem dentro de um mundo cujas pressões socioculturais modelam o homem, nem significa a

internalização de um mundo externo ao homem que passa a ser vivido psicologicamente como sendo dele; ser-no-mundo significa que a própria existência é o lugar onde há mundo, e mundo é sempre o “aí” onde o Ser-Aí é o que é (SAPIENZA, 2004).

2.1.3.4 A afinação ou estado de humor

Afinação ou estado de humor refere-se à disposição afetiva, ao modo de estar no mundo e de percebê-lo; e nossa abertura ao mundo é sempre afinada no sentido de não ser passiva, mas de haver uma receptividade, uma atividade através da qual participamos do mundo e o mundo participa de nós (POMPÉIA; SAPIENZA, 2013; HEIDEGGER; BOSS, 2009). O ser humano sempre está num determinado humor que, por sua vez, indica como o ser humano está e influencia naquilo que ele percebe e em como percebe - o humor diz respeito ao que na Psicologia de tradição científica chama-se de sentimento, emoção e afeto (POMPÉIA; SAPIENZA, 2013).

O sentimento de angústia é uma afinação extremamente importante, porque coloca o Ser-Aí frente a si mesmo, abrindo caminho para o autoconhecimento e para uma existência mais autêntica, pois cria a possibilidade de lidar com as próprias fragilidades e, por isso, de perceber sua força e poder (ANGERANI-CAMON, 2004).

Outro aspecto importante da afinação é que o ser humano sempre entra em sintonia com aquilo que mais se aproxima do seu humor, o que nos leva a refletir sobre a impossibilidade de separar razão de emoção: o ser humano sempre já se orienta numa determinada compreensão do seu contexto, numa familiaridade para consigo e para com o que lhe é próximo (HEIDEGGER, 2008). A compreensão se refere a já estar junto a um conjunto de entes humanos e “não-humanos” (coisas) que constituem o seu cotidiano, e é a partir dessa compreensão que se pode desenvolver o conhecimento formal; ela envolve sempre uma posição prévia que é o contexto no qual o ser humano já sempre está e com o qual já sempre se relaciona, desenvolvendo uma compreensão característica desse contexto (ROEHE, 2006).

2.1.3.5 O estar-com-o-outro

Outro caráter fundamental da existência humana é ser-com-o-outro, é coexistir. O homem não é primordialmente um ser isolado que depois entra em contato com os outros, pelo contrário, ele está sempre em relação de proximidade ou de afastamento com o que se

apresenta a ele no mundo, mesmo que essa relação se dê sob a forma da indiferença - o ser-com-o-outro leva o outro consigo mesmo quando este outro se foi com a morte; no “aí” estará sempre o outro que se foi (SAPIENZA, 2004; LUIJPEN, 1973).

A autenticidade da existência pressupõe necessariamente outras existências, pois o Ser-Aí é num mundo histórico e cultural, ou seja, num mundo cheio de significados já estabelecidos por outros; por isso, para falar da minha existência, não há como não falar da existência do outro - o homem é essencialmente histórico e social, e História aqui não é um somatório de fatos, é uma questão de significados, portanto, é coisa humana (POMPÉIA; SAPIENZA, 2013; LUIJPEN, 1973).

A linguagem, e por isso a escuta, é de grande importância para a Daseinsanalyse. Para esta, escutar é abrir-se ao outro, é abrir-se ao sentido que faz para si a fala do outro com suas contradições, falhas, ocultamentos e exageros - características e qualidades estas que podem ser reveladoras dos modos de existir; entretanto, a compreensão de si mesmo e do outro nunca é definitiva, é sempre inconclusiva e pluridimensional, pois essa compreensão acontece a partir da disposição afetiva e da vivência do Dasein (ANGERANI-CAMON, 2004).

2.1.3.6 A corporeidade

Heidegger recebeu críticas por não ter cuidado da questão do corpo em sua obra. Entretanto, essa questão não foi deixada de lado por ele, o que ocorreu foi que, para Heidegger, tratar previamente dos traços fundamentais do ser-no-mundo era condição necessária para que o corpo fosse colocado em questão (HEIDEGGER; BOSS, 2009). Heidegger (2008) e principalmente Heidegger e Boss (2009) deixam clara a necessidade de descrever o fenômeno corporal de forma a apreendê-lo como fenômeno que é, resgatando sua singularidade e livrando-o do encobrimento dado pela metodologia científica moderna ao categorizá-lo como “material”.

De acordo com Heidegger e Boss (2001), o corpo enquanto fenômeno humano não é meramente físico, por isso não deve ser compreendido somente a partir de processos físico-químicos, conforme defendido pela Ciência. Heidegger volta-se para as experiências corporais, para o experienciar do corpo, tomando este corpo vivo de forma a ultrapassar as convenções teóricas às quais foi submetido pelo método científico. Heidegger, porém, segundo Rehfeld (2004) e Dantas (2011), nada tem contra os conhecimentos físico-químicos alcançados sobre o corpo objetivado advindos de uma visão orgânica e fisiológica do corpo -

o problema está em considerarmos tais conhecimentos como os únicos e verdadeiramente possíveis. Para Heidegger, segundo os mesmos autores, tais conhecimentos não dão conta da experiência singular que cada um tem em relação ao próprio corpo, são insuficientes para descrever a qualidade de nossa relação com o mundo através do corpo que somos, porque, para Heidegger, somos um corpo (BOSS, 1977).

Segundo Heidegger e Boss (2009), mesmo a Psicossomática que defende sermos ao invés de termos um corpo, permanece numa dicotômica concepção de homem com os conceitos de “soma” e “psíquico”, porque continuam sendo duas entidades distintas existentes por si - o que se fez foi estabelecer a relação entre elas, articula-las. Por esse motivo, Heidegger considera a psicossomática um “pseudo-avanço”, e afirmaram que a expressão “Psicossomática” se esforça para fazer uma síntese entre duas coisas que não existem (HEIDEGGER; BOSS, 2009). Para Heidegger, a Psicossomática, além de não ultrapassar a redução do corpo ao meramente físico, mantém a tal subjetividade “dentro” do corpo do homem enquanto uma “psique”, mantendo as explicações cartesianas da relação entre sujeito e corpo, e esse é o motivo pelo qual se concebe impossível um contato direto entre o ser humano e o mundo “exterior” e entre o ser humano e seu semelhante (HEIDEGGER; BOSS, 2009). As subjetividades dos homens, na Psicossomática, permanecem escondidas em seus corpos e, por isso, apenas se exteriorizam em movimentos corporais de expressão, como se estes fossem mediadores entre “dentro” e “fora” do homem e entre um homem e outro – nesta perspectiva da Psicossomática, o corpo é um instrumento mediador, e por isso, o homem continua tendo um corpo ao invés de ser seu próprio corpo (HEIDEGGER; BOSS, 2009).

De acordo com Heidegger, segundo Luijpen (1973), muitos psicólogos, no terreno seguro da Física, esforçaram-se para formular leis empíricas acerca das relações entre interioridade e expressão, ou seja, das relações entre músculos, estados internos e manifestações corporais, prendendo-se em frequência de pulsações, secreções glandulares, condutibilidade elétrica dos nervos cerebrais, etc. Entretanto, para Heidegger, ainda segundo Luijpen (1973), tudo isso não esclarece a presença do outro como outro e o contato com ele, porque dentro do contexto cartesiano não há como ver o outro. Sobre isso, convém lembrar o que nos ensina a Gestalt, criada pelo psicanalista berlinense Fritz Perls (1893-1970): somando-se as partes não obtemos o todo. Assim sendo, uma vez separado o homem em “soma” e “psique”, mesmo defendendo que atuam juntos, como afirma a Psicossomática, perde-se a totalidade do homem (HEIDEGGER; BOSS, 2009).

Segundo Heidegger e Boss (2009), para que a relação sujeito-objeto seja superada é necessário, além de sair do polo que privilegia somente a parte corpórea e do polo que privilegia somente a parte subjetiva, que o corpo seja compreendido na relação com aquilo que se desvela para ele, na relação com o que somos e encontramos, isto é, compreendido como existência, como ser-no-mundo, como corpo vivido e experienciado, próprio, singular e que, a partir dele, possa estar no mundo em relação com os outros e com as coisas. O homem é o corpo que experiencia a totalidade de seu ser-no-mundo, numa relação estreita com o si mesmo que cada um é; e a forma como o homem entende a si mesmo, aquilo que ele acredita, aquilo que ele deseja e planeja estão relacionados à maneira pela qual ele compreende o próprio corpo, ou seja, a si mesmo (HEIDEGGER; BOSS, 2009).

A “psique” e o “soma”, segundo Heidegger (apud BOSS, 1977), são apenas conceitos categóricos necessários ao estudo do homem pelo método científico e, embora possamos pensar a nós mesmos como tendo um corpo físico e tendo uma “psique”, tal racionalização não corresponde à vivência que temos de nós mesmos. De acordo com Heidegger, não nos vivenciamos como algo contido dentro de um corpo, como organismos físicos delimitados por uma pele, pois não existe separação entre interior e exterior - o limite do corpo não é a ponta dos dedos (BOSS, 1977; HEIDEGGER; BOSS, 2009).

Segundo Heidegger e Boss (2009), o fisiológico deve ser visto como condição necessária para qualquer vivência humana, mas não como suficiente para o entendimento das realizações humanas, porque é sempre na sua totalidade que o ser é tocado. Para os mesmos autores, o existir do homem (e toda sua relação) é necessariamente corporal, mas não apenas, porque enquanto o homem vive, seu corpo não é inanimado, não é um mero objeto; por isso, na Daseinsanalyse, toda vivência ou experiência humana é compreendida como existencial e não como “psicológica” e/ou “física”. Boss (1977) reforça que essa inseparabilidade fundamental dos fenômenos físicos e psíquicos da existência humana deve ser considerada tanto na saúde quanto na doença – na Daseinsanalyse, somos nós enquanto existência que adoecemos e não um corpo meramente físico.

Para a Daseinsanalyse, as perturbações ditas psíquicas não são causadas por estímulos determinantes advindos unilateralmente do “mundo exterior”, e nem devem ser entendidas como exteriorizações de uma desorganização no “mundo interior”, pois, segundo Luijpen (1973), essas perturbações são compreendidas como uma ruptura entre o corpo e o mundo, entre o ser e seu mundo, ou seja, como uma ruptura existencial, que abrange o ser como um todo. E essa ruptura não pode ser restaurada com um esforço intelectual, mas somente por

meio de uma nova abertura do ser para seu mundo, ou seja, por uma busca de sentido, por uma ressignificação da existência, pela conquista de outras possibilidades de existir (LUIJPEN, 1973).

Para a Daseinsanalyse, como coloca Luijpen (1973), encontros entre homens são possíveis porque o homem é seu corpo – as expressões corporais não são intermediárias de uma “pseudo-relação” porque esses encontros não são mediados por um corpo, não há separação sujeito-corpo. O corpo não existe independentemente de alguém, o homem não pode se dispor de seu próprio corpo pelo fato de ele não ser um instrumento - compreende-se que no olhar, no gesto, na atitude, na palavra do outro ele se revela diretamente como outro, como “não-coisa”, pois eu o encontro e, neste encontro, participo do sentido do mundo para ele, ou seja, o corpo possibilita o encontro com o outro e torna possível penetrar em seu mundo enquanto sistema de significados para ele, e vice-versa (LUIJPEN, 1973). Ainda como nos coloca Luijpen (1973), no coexistir, a influência recíproca entre os homens não é um influxo de uma coisa sobre outra, porque o corpo de cada um continua sendo de cada um - não é um resultado de causas unilaterais determinantes.

Conforme dito acima, o corpo humano buscado pela Daseinsanalyse, de acordo com Luijpen (1973), não pertencente ao grande grupo de corpos buscados pela Física, Biologia e Medicina que não veem o humano desses corpos. Na Daseinsanalyse, o corpo é humano porque é “meu”, é “teu” é “dele”, isto é, cada um de nós é seu próprio corpo; enquanto que na física, na biologia e na medicina, o “meu”, o “teu” e o “dele” não aparecem. Na Daseinsanalyse o corpo é compreendido como histórico, social, cultural e, ao mesmo tempo, próprio e particular, porque é de alguém, é alguém e é vivo. Segundo Luijpen (1973), conhecemos o mundo pela perspectiva do nosso próprio corpo - meu corpo me abre para o mundo, abre-me em direção ao mundo e constitui meu ponto de vista nele: tudo que no mundo designamos como duro, angular, viscoso, vermelho, espacial, leve, saboroso, cheiroso, dentre outras qualidades, indica o corpo humano.

Para Heidegger e Boss (2009), uma fenomenologia do corpo só é possível se olharmos para tudo isso que foi dito sobre esse corpo vivido, chamado por ele em alemão de “Leib” para diferenciá-lo de um corpo meramente tomado como físico, denominado em alemão de “Körper”; porém, como em Português só há a palavra corpo, não há uma tradução efetiva dessas duas palavras, então, usa-se simplesmente “corpo vivido” e “corpo material”. Ainda segundo Heidegger e Boss (2009), Heidegger usa também o termo alemão “Leibhaftigkeit”, traduzido para o português como “Corporeidade”, para designar a dimensão ontológica do

corpo, ou seja, o corpo como existencial, como fenômeno que está sempre em jogo no tempo. A corporeidade, segundo Heidegger e Boss (2009) é o corporar desse corpo vivido discutido até aqui.

Para Heidegger, segundo Dantas (2011), o corpo vivido é sempre um corporar; e corporar, para ele, é justamente esse relacionar-se diretamente com o mundo no horizonte existencial no qual o ser permanece, é o modo pelo qual o corpo todo está presente na ocasião. Segundo o mesmo autor, o corporar do corpo acontece a partir do modo de ser de cada um e, por isso, o limite do corporar modifica-se constantemente pela mudança do alcance da estada de cada Ser-Aí – o limite do corporar do corpo é o próprio horizonte do ser-no-mundo; diferentemente do limite do corpo material que não corpora e que acaba sempre no limite da pele. Para Heidegger e Boss (2009), podemos evidenciar a diferença entre um corpo tomado meramente como físico e um enquanto corporeidade quando o homem morre - apenas com a morte humana o corpo deixa de corporar e torna-se meramente material.

2.1.4 A psicoterapia daseinsanalítica

Por ser a Daseinsanalyse uma metodologia diferente da científica, o sentido tradicional da palavra “Psicoterapia”, que segundo Pizani et. al. (1990) significa conjunto de técnicas para tratar e curar moléstias, anomalias e perturbações de caráter psicológico e comportamental com base na concepção de “psique” enquanto entidade e substância, não é adequado para ser utilizado em seu contexto. No contexto Daseinsanalítico, quando se utiliza a palavra “Psicoterapia”, tem-se por base as palavras “psique” de procedência grego-antiga entendida por Aristóteles como maneira de existir, como modo-de-ser – como já dito anteriormente; e a palavra “Terapia” advinda do verbo grego “therapeúein” no sentido de servir, honrar, assistir, cuidar, tratar e curar, conforme Sapienza (2004). Desta forma, Psicoterapia no contexto daseinsanalítico significa servir, honrar, assistir, cuidar, tratar e curar um modo de ser, de existir – é cuidar da existência humana.

Para Boss, segundo Pompéia e Sapienza (2013), psicoterapia é “pro-cura”, e cura em latim significa cuidar. Desta forma, segundo Sapienza (2004), psicoterapia é cuidar da existência que sofre, é um chamado para a sua realização através do cuidado - cuidado este que, para a mesma autora e para Angerani-Camon (2004), pode ser entendido como uma solicitude, isto é, como um empenho em atender a uma solicitação da melhor forma possível, com boa vontade, atenção, consideração e paciência. Na perspectiva do cuidar, o psicólogo é

um ser-com-o-outro e, segundo Colpo (2013), sua prioridade deve ser o acolhimento, sendo a clínica, não um lugar, mas uma postura em relação ao paciente. Para Boss (1977), é indispensável que o paciente experiencie uma dedicação equilibrada, protetora e inabalável por parte do terapeuta na medida correspondente à sua singularidade para que, assim, seja alcançada a meta mais alta da psicoterapia: a abertura do paciente para a capacidade de amar e confiar que o permite envolver-se em relacionamentos de forma cada vez mais livre e responsável com o outro e com o mundo.

O vínculo afetivo é um fator muito importante para o caminhar da psicoterapia, pois, segundo Sapienza (2004), ele é por si mesmo terapêutico. O paciente, segundo Sapienza (2004), não vem para a terapia com questões intelectuais a serem resolvidas, mas com questões que dizem respeito a como ele se afina, isto é, como ele se sente em harmonia ou em desarmonia com as coisas, com as pessoas e consigo mesmo. Tudo que se fala na terapia envolve sentimento, e o próprio vínculo terapêutico se torna carregado de sentimentos. Por isso, o psicoterapeuta, segundo Sapienza (2004), legitima e amplia todas as indagações dos pacientes, porque a psicoterapia é uma oportunidade para que eles ouçam com mais nitidez os seus próprios sentimentos e, assim, atenham-se, aos poucos, ao sentido que estão dando às suas próprias existências.

Segundo Sapienza (2004), para Heidegger, “cuidado” é ontológico, isto é, um caráter essencial do Dasein que o responsabiliza por si mesmo, pelo outro e pelas coisas do mundo; por isso, na Daseinsanalyse, a responsabilidade pelo cuidado não é apenas do psicoterapeuta - psicoterapia é momento de cuidar da existência do paciente ao lado dele como um companheiro de viagem, entregando também a ele a responsabilidade pelo próprio cuidado. Para Heidegger, ainda segundo Sapienza (2004), existir é dedicar-se ao cuidado e, por sermos, cada um, um ser-no-mundo, ao cuidarmos de nós mesmos - e ao cuidarmos do outro, como no caso do psicoterapeuta - cuidamos também do mundo.

Para Sapienza (2004), o psicoterapeuta precisa levar o paciente a participar dessa “procura”, pois é nesse caminho de pro(cura) em busca da compreensão da própria existência que o paciente pode vir a aceitar as possibilidades de sua vida como próprias e a dispor delas livremente e com responsabilidade. Ainda para Sapienza (2004), o que é vivido agora pelo paciente deve ser autenticado, na psicoterapia, como sendo dele - como sendo ele - para que o paciente compreenda que a vida que se realizou, o caminho percorrido até agora, é a história dele, que o protagonista é ele e, por isso, só cabe a ele trazer elementos novos para ela.

Deve ficar claro, segundo Sapienza (2004), que o psicoterapeuta não tem o dever nem o poder de mudar o paciente – o que ele deve e pode fazer é estar afetivamente próximo e disponível de forma a favorecer uma revisão, uma descoberta e/ou uma reelaboração dos significados da vida do paciente. Se o paciente mudar seu modo de existir, não terá sido por cobrança, decisão e intervenção do psicoterapeuta, mas pelo fato de o paciente ter se aberto, junto ao terapeuta, à descoberta da necessidade de responder a um chamado para a realização do que ele sentiu como sendo seu projeto pessoal (SAPIENZA, 2004). Como comenta Sapienza (2004), é o paciente quem primeiro conhece seus limites e quem sabe se quer ou não fazer mudanças em sua vida, e, no caso de querer, saberá a hora de fazê-las. A Daseinsanalyse não cobra dos pacientes os ideais de superação, auto superação e perfeição, como comenta Angerani-Camon (2004). Segundo este mesmo autor e também segundo Pompéia e Sapienza (2013), na prática daseinsanalítica o poder não vigora, não deve haver intimidação – a psicoterapia precisa ser livre para permitir aos homens tornarem-se livres dentro dela, no sentido de criarem coragem de levar a termo as possibilidades abertas em suas existências.

De acordo com Pompéia e Sapienza (2013), o psicoterapeuta deve abster-se do agir presunçoso de levar quaisquer máximas e dogmas aos pacientes; ele deve sair da postura daquele que sabe e detém o poder de solucionar os problemas; sair de uma atitude intelectualizada para soltar-se ao fluir da própria vivência psicoterapêutica. Somente com essa abstenção e nova postura é que o psicólogo pode se tornar, como colocado por Angerani-Camon (2004), investigador e pesquisador de si mesmo enquanto profissional, refletindo continuamente sobre o que pergunta, como pergunta e para quê (sentido) pergunta. E é também somente com essa postura despretensiosa que ele pode funcionar, conforme discutido por Pompéia e Sapienza (2013), como lente facilitadora, como lente de aumento para a possibilidade de enxergar do paciente, para ajuda-lo a estar mais atento ao desvelamento do sentido que tem dado a sua vida naquele momento.

Para Sapienza (2004), o psicoterapeuta deve ter a paciência de deixar que todas as lacunas, contradições, mentiras, posturas, todos os valores, medos, rodeios, desvios, gestos e silêncios vão se articulando aos poucos na linguagem do paciente, sem pressa; mesmo aquilo que, à primeira vista, possa parecer sem importância, não aparece na sessão sem sentido, sempre conta sobre o paciente, porque é o próprio paciente. Por isso, tudo que se passa ali merece atenção concentrada de ambos – paciente e psicoterapeuta (SAPIENZA, 2004). Deve-se ter calma, segundo Sapienza (2004), para esperar o momento das coisas aparecerem com os seus respectivos significados; o psicoterapeuta não deve se apressar de forma a desrespeitar o

tempo do paciente por ansiedade de “mostrar serviço” e de resolver o problema o mais rápido possível. Para o mesmo autor, a paciência faz parceria com o tempo - não o apressa - aproveita todas as deixas que ele dá, fica disponível o tempo todo e não desperdiça oportunidades. Ainda para Sapienza (2004), um bom nome para essa paciência disponível e envolvida é serenidade.

Conforme dito por Angerani-Camon (2004), o psicoterapeuta deve estar atento para compreender a necessidade de cada paciente em particular, pois cada um chega com a sua própria e, assim sendo, o caminho percorrido com um paciente não será igual ao percorrido com outro, cada caso é um caso - são necessidades diferentes, perspectivas diferentes, histórias diferentes, singulares, únicas – e é o próprio fenômeno, tal como se apresenta, quem dará o caminho para desvendá-lo. Além disso, ainda conforme Angerani-Camon (2004), cada terapeuta precisa, também, encontrar o seu próprio estilo e desenvolver o seu jeito de estar na sessão - desde que respeite o fenômeno que se apresenta em cada atendimento e jamais aja por simples hábito, por já estar acostumado com determinado modelo de atendimento. O terapeuta deve sempre adaptar o seu modo de trabalhar às condições diversas de seus pacientes, e a troca de experiências entre terapeutas, segundo Sapienza (2004), também é muito importante para o enriquecimento do modo de ser profissional.

Como exemplo do que já foi dito até aqui, podemos pensar num arquiteto que trabalha com base na fenomenologia. Este arquiteto não projeta um jardim de forma a obrigar as pessoas a caminharem por determinadas passagens para que sejam conduzidas a determinados lugares desejados. Ele apenas conclui seus projetos depois de um longo tempo de observação dos caminhos já traçados pelos próprios frequentadores do local, ou seja, ele parte do que já tem e de onde já está - não é ele quem define e impõe os caminhos. Durante a construção do jardim, o público vai interagindo com o espaço, na medida do possível, e o arquiteto atento vai percebendo as modificações necessárias na concretização de seu projeto. O arquiteto, assim como o psicoterapeuta no contexto daseinsanalítico, leva em consideração os caminhos percorridos pelas pessoas e se adapta a eles. “A terapia deve ser um trabalho artesanal, de criação exclusiva para aquele paciente, e não um produto prêt-à-porter” (SAPIENZA, 2004, p. 38).

Segundo Pompéia e Sapienza (2013), a Daseinsanalyse não é um recurso de pressão social destinado a corrigir pessoas “erradas”, a ensinar valores e normas ou a dar dicas para solução de problemas; não há preocupação por parte do terapeuta em avaliar as vivências do paciente, porque seu foco não é explicação, predição, controle e eliminação de sintomas,

muito menos a eliminação de suas condições produtoras. Ainda segundo Pompéia e Sapienza (2013), a intenção do psicoterapeuta é descrever o “como” dos fenômenos a fim de trazer o significado da experiência de forma que o paciente tenha a possibilidade de compreender o “sentido do ser”. Para Angerani-Camon (2004), Pisani et. al. (1990), Pompéia e Sapienza (2013), quando o paciente recupera a estrutura do sentido, ele tem uma chance de poder, de novo, investir em suas relações e projetos, no sentido de, segundo Colpo (2013), uma volta para casa, isto é, no sentido de recuperar a familiaridade com a sua própria existência, com as coisas que dizem respeito a ela, ao espaço dela, ao tempo dela, ao mundo dela.

Entretanto, é muito importante ressaltar, segundo Angerani-Camon (2004), que não é o psicoterapeuta quem atribui sentido às experiências do paciente, mas o próprio paciente. Psicoterapia é busca pela verdade enquanto “aletheia” - palavra grega que significa desvelamento - ou seja, é busca pelo desvelamento. E, ainda segundo Angerani-Camon (2004), as únicas coisas que podem estar veladas e que, por isso, precisam ser desveladas, são os significados que o Ser-Aí vai atribuindo no decorrer de sua vida a si mesmo, ao outro e ao mundo – ou seja, o que pode ser desvelado é o sentido de cada existência. É nesse sentido, segundo Colpo (2013) que se diz que a psicoterapia é uma busca pela verdade manifesta, pela verdade de cada paciente, e não pela verdade absoluta. Na medicina, o valor de referência é a vida, na Daseinsanalyse, a referência é o sentido da vida (POMPÉIA; SAPIENZA, 2013). Segundo Pompéia e Sapienza (2013), mais importante que a própria sobrevivência do homem, e às vezes até mesmo da sobrevivência da sua prole, tem sido os significados que o dasein vai criando em suas experiências - ao longo da história, há muitos relatos de homens e mulheres que se sacrificaram com seus filhos em nome de algum ideal.

Segundo Colpo (2013), cuidar das possibilidades e do sentido da existência passa inevitavelmente pelo cuidado com a linguagem, entendida por Heidegger como a morada do ser - a linguagem é o lugar no qual o paciente tece os significados e sentidos da sua existência; por isso a linguagem é fundamental em todo processo humano, e na psicoterapia não seria diferente. Mas, segundo Pompéia e Sapienza (2013), não é pela via da razão que caminha a linguagem na Daseinsanalyse, pois diante da vivência da dificuldade, a verdade racional é impotente. Na Daseinsanalyse, a linguagem própria do diálogo entre psicoterapeuta e paciente acontece via “poiesis”, palavra grega que significa poesia e criação no sentido amplo - tudo aquilo que passa da “não-existência” à existência (POMPÉIA; SAPIENZA, 2013).

Ainda segundo Pompeia e Sapienza (2013), linguagem poética não é para ser explicada, é para ser compreendida; ela busca o interlocutor em seu espaço de liberdade, ou seja, o outro não é obrigado a concordar comigo, justamente porque não se coloca em questão a verdade absoluta - nessa forma de linguagem, quando há compreensão, ela vem gratuita, sem necessidade de argumentação lógico-racional. E quando o paciente é compreendido, ainda segundo Pompéia e Sapienza (2013), ele vive uma experiência extremamente significativa, como se fosse autenticado; e quanto mais delicada a situação e mais pessoal o enunciado, mais difícil se torna qualquer tentativa de explicação e maior é a necessidade de compreensão via poiesis. Para Pompéia e Sapienza (2013), psicoterapia é procura, via poiesis, da verdade que liberta para a dedicação ao sentido; liberdade esta que pode ser perdida pela neurose, pela angústia, pela culpa, pela privação, mas que pode ser reestabelecida.

De acordo com Pompéia e Sapienza (2013), a doença e o adoecer, para a Daseinsanalyse, têm a ver com redução e perda de liberdade e de possibilidades de existir; têm a ver com a dificuldade de encontrar sentido no que está sendo vivido. Para a Daseinsanalyse, segundo Boss (1977), o modo-de-ser-doente realiza-se como uma restrição importante das possibilidades de “poder-ser” do Ser-Aí, por isso o psicoterapeuta deve ajudar o paciente a compreender de que forma tudo isso o tem modificado enquanto ser-no-mundo em seu cotidiano. Quando compreendemos o adoecer como redução de possibilidades existenciais, referimo-nos à doença enquanto um modo de existir, portanto, não são apenas os sintomas que o doente apresenta que o fazem doente, mas o “como” ele vivencia a situação que se apresenta (SAPIENZA, 2004). É por isso que, segundo Sapienza (2004), para a Daseinsanalyse, a doença e o adoecer estão no contexto histórico-social e no contexto de vida particular de cada um.

De acordo com Boss (1977), pela própria natureza do homem, não há saúde e doença fora da estrutura de relacionamento humano, não pode haver fenômeno existencial que não seja social. Para Angerani-Camon (2004), compreender o paciente enquanto um ser-no-mundo é também voltar o olhar não apenas a ele, mas a tudo que lhe diz respeito e que lhe é significativo. Desta forma, como Pompéia e Sapienza (2013) e Sapienza (2004) comentam, não faz sentido, dentro da Daseinsanalyse, o psicoterapeuta reparar uma a uma as funções psíquicas do paciente como se elas fossem isoladas umas das outras e do mundo, e como se pudessem ser tratadas separadamente - a concepção de “doença mental” tradicional acaba por mutilar o homem.

Segundo Pompéia e Sapienza (2013), também muito diferente da Medicina e das psicologias tradicionais, a Daseinsanalyse não se esforça para jogar fora os episódios difíceis do paciente, não tenta banir seu sofrimento o mais rápido possível a fim de proporcionar felicidade e bem estar eternos como a Ciência tem prometido. Sobre isso Sapienza (2004) escreve que em alguns momentos, o que o psicoterapeuta faz é permanecer com o paciente em suas lembranças dolorosas, porque elas fazem parte da sua história e perdê-las precocemente seria levar também o paciente a perder o contato consigo mesmo - é preciso penetrar no fenômeno, demorar nele, e não apenas falar sobre ele.

3. O INTERESSE POR KLAUSS VIANNA

Semelhantemente à Daseinsanalyse que não se consolidou e nem pretendeu se consolidar enquanto teoria e/ou técnica psicológica, considerando, inclusive, que essas mesmas técnicas e teorias são, muitas vezes, as próprias causas dos transtornos ditos “mentais” pelas psicologias de fundamentação científica (BOSS, 1977), o brasileiro Klaus Vianna (1928 – 1992), bailarino, coreógrafo, professor e pesquisador da dança, do teatro e do corpo humano, segundo Vianna (2005), não se interessou em sistematizar o seu trabalho enquanto técnica e também defendeu que essas próprias técnicas, ao invés de romperem as “courageas”, elas mesmas, muitas vezes, levam as pessoas a adquiri-las, pois ignoram a vitalidade do movimento, enrijecem os corpos e as próprias pesquisas, deturpam a individualidade das pessoas e não contribuem para seus processos de autonomia e autoconhecimento. Porém, assim como a Daseinsanalyse, segundo Vianna (2005), Klaus não se opôs a todo e qualquer aperfeiçoamento técnico, apenas colocou em questão os problemas e limites das técnicas de dança de seu tempo. Para ele:

“Hoje é impossível estabelecer uma única técnica contemporânea, porque não existe mais uma única visão do mundo. Porque o clássico, o moderno, o jazz e o neoclássico? Porque temos necessidade de várias respostas, várias saídas. Não podemos aceitar técnicas prontas, porque na verdade as técnicas de dança nunca estão prontas (...)” (VIANNA, 2005, p. 82).

De forma semelhante à Daseinsanalyse que não se preocupou em determinar procedimentos psicoterapêuticos do tipo “passo-a-passo” prontos, fechados e iguais para todo mundo, Klaus Vianna, no lugar de preocupar-se com o desenvolvimento de um vocabulário de passos pronto e fechado, segundo Neves²⁵ (2010), o dançarino dedicou-se a entender como o movimento se dava, criando caminhos de pesquisa e estratégias de trabalho que se mantêm abertos. Como o próprio Klaus escreveu, seu trabalho “(...) não está pronto nem ficará pronto nunca: são observações, reflexões, sensações que se modificam e ampliam-se no dia-a-dia, na sala de aula, no meu encontro comigo mesmo” (VIANNA, 2005, p. 69-70). De acordo com

²⁵ **Neide Neves** (1952), brasileira, graduada em Letras, Doutora em Comunicação e Semiótica na área de concentração Signo e Significação nas Mídias, foi aluna de Klaus Vianna, Angel Vianna e Rainer Vianna durante 13 anos. Participou com Rainer da organização didática do que se denomina Técnica Klaus Vianna desde 1992, conforme explicação a partir da página 34 desta monografia. Atualmente é professora no curso de graduação em Comunicação das Artes do Corpo (PUC-SP), professora no curso de graduação em Dança na Universidade Anhembi Morumbi e idealizadora, coordenadora e professora do curso de especialização em Técnica Klaus Vianna (PUC-SP).

Vianna (2005) e Miller²⁶ (2012), Klauss propunha a seus alunos que cada um encontrasse a própria forma de dançar, que cada um incorporasse seus ensinamentos e os expressasse como quisessem e como pudessem, pois, como na Daseinsanalyse, sua premissa era abordar primeiramente o humano, estimulando a troca de experiência entre as pessoas sem hierarquia de valores técnicos entre elas. Para Klauss, segundo Miller (2012), a técnica todo mundo aprende, mas ela não é nada sem as ideias e a personalidade do bailarino, ou seja, sem o humano, sem a pessoa que dança; por isso “o exercício não importa: importa é como você o executa” (VIANNA, 2005, p. 145).

Klauss defendia, inclusive, que a preocupação exaustiva com a técnica é prejudicial à pessoa que dança, pois ela pode se tornar obsessiva no seguimento das regras, criando uma relação neurótica com a dança e desrespeitando seus próprios limites e seu próprio tempo (VIANNA, 2005), e isso era exatamente o que Klauss não queria. Em sua dança, Klauss Vianna queria que as pessoas se sentissem bem com seus corpos, consigo mesmas, com os outros e com o mundo, pois dança para ele, assim como a psicoterapia para a Daseinsanalyse, é entendida e vivida como um caminho de autoconhecimento, de comunhão consigo mesmo, com o outro e com o mundo.

Levando em consideração essa preocupação que Klauss Vianna tinha em relação à questão da técnica, dos aprisionamentos e enrijecimentos que ela pode causar, e lembrando que ele não era avesso à técnica, mas questionador dela dentro da dança, e enxergando que a pesquisa, o trabalho e todo o pensamento de Klauss sobre o corpo e a dança não poderiam se perder no tempo, mas precisavam continuar vivos nas pessoas e no mundo, Rainer Vianna²⁷ e Neide Neves²⁸, segundo Miller (2005), criaram uma estruturação didática e registraram a sistematização da Técnica Klauss Vianna entre a segunda metade da década de 80 e início da década de 90, dois anos antes da morte de Klauss. De acordo com Miller (2005), inicialmente chamaram-na de “Dança Livre”, posteriormente, de “Técnica de Dança Consciente”, em seguida de “Técnica do Movimento Consciente” e, finalmente, de “Técnica Klauss Vianna”. Ainda segundo a mesma autora, de forma alguma havia a intenção de cristalizar o trabalho, mas sim de zelar por ele com o devido respeito no século XXI, e nesse sentido, a

²⁶ **Jussara Corrêa Miller** (1967), brasileira, bailarina, coreógrafa, diretora, pesquisadora e educadora do movimento, graduada em Dança pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Mestre e Doutora em Artes também pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), dirige o Salão do Movimento, espaço de pesquisa e criação em dança, fundada por ela em 2001, professora da Graduação em Dança da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e professora no curso de especialização em Técnica Klauss Vianna (PUC-SP).

²⁷ **Rainer Vianna** (1958-1995), brasileiro, filho de dois grandes nomes da Dança Contemporânea brasileira, Angel Vianna e Klauss Vianna, foi artista e pesquisador influente no cinema, no teatro e na dança.

²⁸ Ver nota de rodapé de número 25.

sistematização foi uma grande conquista, pois manteve as bases claras e firmes para continuarmos a construir, transformar e pesquisar o caminho proposto por Klauss.

Respeitando o pensamento, o trabalho e a pesquisa de Klauss, o entendimento de técnica dos sistematizadores da Técnica Klauss Vianna e de todos os que até hoje dão continuidade às propostas de Klauss, é que a técnica é viva, flexível, que, tal como o corpo, respira e se move (MILLER, 2012), podendo adaptar-se às mudanças e às necessidades das pessoas, e não o contrário - assim como na Daseinsanalyse, na qual não são as pessoas que se adaptam a ela, mas é ela que se esforça para adaptar-se a cada pessoa em sua singularidade. Apesar de ser uma técnica, coisa que a Daseinsanalyse enquanto método se afasta, a concepção de técnica da Técnica Klauss Vianna carrega a mesma preocupação que a Daseinsanalyse carregou ao se consolidar enquanto método ao invés de teoria ou técnica psicológica - o entendimento de técnica em Klauss e o entendimento de método na Daseinsanalyse não se afastam, aproximam-se. Em Klauss Vianna, segundo Miller (2012) e Vianna (2005), a técnica é um meio, e para Heidegger, como já dito anteriormente, o método é um caminho – para ambos, a técnica e o método, respectivamente, não devem ser um fim em si mesmos com foco em resultados, pois há, tanto em Klauss como na Daseinsanalyse, a preocupação com o enrijecimento e o aprisionamento das pesquisas, dos modos de se trabalhar, das ideias, dos corpos, isto é, com o enrijecimento e o aprisionamento dos Homens. Para Neves (2010):

“É fundamental, então, mudar o ponto de vista. Não se trata de considerar técnica como o que está codificado em vocabulários de passos, nem tampouco definir método como o que propõe princípios, conceitos, temas de trabalho que transformam os corpos respeitando sua singularidade” (NEVES, 2010, p. 41).

Segundo Neves (2010) e Miller (2012), a Técnica Klauss Vianna nada tem a ver com a concepção tradicional de técnica de dança que a entende enquanto suporte ou instrumento para o alcance de habilidades específicas, visando à superação dos limites do corpo do artista com foco em um resultado almejado. Assim como a Daseinsanalyse, o foco da Técnica Klauss Vianna está no “como”, está na qualidade das relações e dos processos, e ainda segundo Neves (2010), seu objetivo é estimular a criação de uma linguagem própria ao invés de trabalhar com exercícios fixos e codificados ou com formas e movimentos a serem repetidos com o máximo de fidelidade formal. É uma técnica que se distancia da mecanização do movimento porque vê, inclui e dá espaço ao humano; porque “(...) permite criar ou revelar a identidade entre a dança e o dançarino, entre quem dança e o que está sendo dançado”

(VIANNA, 2005, p. 113); porque não se fecha em si mesma e coloca-se em movimento, em contínua reflexão (MILLER, 2012).

Em sua Tese de Doutorado “A Teoria como dispositivo de controle do Corpomídia” de 2010, Neide Neves aponta que não seria condizente com o pensamento de Klauss Vianna defender suas ideias como dogmas a serem seguidos, mas sim repensa-las, (re)significa-las e transformá-las constantemente – e é isso que essa mesma autora vem fazendo com base em sua prática diária e em seus estudos do corpo e da comunicação, repensando, inclusive, os próprios princípios estabelecidos por ela e por Rainer Vianna na sistematização da Técnica Klauss Vianna. Mas além de Neide Neves, segundo Neves (2010), muitos outros profissionais também tem dado continuidade ao pensamento de Klauss sobre dança, teatro e corpo, cada qual desenvolvendo-o em suas criações artísticas, no ensino e em pesquisas acadêmicas que, aliás, tem nos dado uma bibliografia consistente sobre a Técnica Klauss Vianna.

Mesmo com a morte de Klauss Vianna, suas ideias e sua pesquisa continuam nos Homens e no mundo. Existe algo no pensamento de Klauss e, conseqüentemente, na Técnica Klauss Vianna - segundo Miller (2012), um espírito de pesquisa em continuidade - que se multiplica por diversos caminhos, que permite pontes e nutre novas pesquisas em diversas áreas de conhecimento (como Educação Somática, Quiropraxia, Comunicação, Ciências Cognitivas e Sociais, dentre outras), trazendo constantemente novos olhares e novas vozes, reflexões e ações. A Técnica Klauss Vianna pode dar o embasamento, mas cada profissional, cada pessoa pode se apropriar dela com originalidade e singularidade, justamente porque ela nunca estará pronta: segundo Miller (2012), ela tem uma forma, mas deixa espaço para o movimento das contribuições individuais, o que enriquece e fortalece o trabalho de cada um e a própria Técnica. Ainda segundo Miller (2012), as continuidades da pesquisa, do pensamento de Klauss e da Técnica Klauss Vianna se dão pelas incompletudes e ações criadoras de cada pesquisador com fundamento na fonte, não com imitação repetitiva, reprodutiva e alienante dela.

Faz-se importante essa explicação sobre o entendimento de técnica dentro da Técnica Klauss Vianna, pois foi por meio dela que pude entrar em contato com o pensamento de Klauss sobre a dança e o corpo. Porém, nesta monografia, o foco não está diretamente na Técnica Klauss Vianna em si, nas pontes entre ela e outras áreas de conhecimento ou nos estágios e tópicos trabalhados em sala de aula, mas sim no pensamento de Klauss Vianna sobre corpo e dança que inspirou a criação desta técnica e que se mantém vivo nela, no corpo das pessoas que vivem as propostas de Klauss, no mundo; é entre este pensamento e a

abordagem Daseinsanalítica que estabeleço um diálogo no próximo capítulo. Mas porque a escolha pelo pensamento de Klauss Vianna sobre corpo e dança para dialogar com a minha abordagem psicoterapêutica e continuar meu caminho enquanto psicóloga?

Ainda que para alguns alunos Klauss Vianna pudesse servir de terapeuta, não havia preocupações terapêuticas em seu trabalho, como deixou claro no livro “A Dança” (2005) que escreveu em parceria com Marco Antônio de Carvalho. Entretanto, justamente por não haver essa preocupação, Klauss não carregou em seu trabalho os engessamentos, os conceitos e as pretensões da psicologia tradicional dos quais procurei me afastar ao escolher a abordagem Daseinsanalítica - diferentemente de outras abordagens corporais com preocupações terapêuticas que não cabe aqui enumerá-las ou discuti-las.

Além disso, encontrei no pensamento de Klauss Vianna sobre corpo e dança uma fonte de estudo e pesquisa que, assim como a Daseinsanalyse, aproxima-se das pessoas ao invés de distanciar-se delas como fazem algumas abordagens de psicoterapia e de dança que vêm mais a teoria / técnica que o próprio Homem em questão; valoriza as questões humanas, seus processos, suas relações interpessoais e com o mundo a sua volta no lugar de valorizar resultados, conclusões ou verdades absolutas; dá espaço à autenticidade e à originalidade dos fenômenos humanos ao permitir que as pessoas trabalhem com os conteúdos que elas mesmas manifestam; acredita na responsabilidade e na autonomia dos Seres Humanos em relação ao cuidado consigo mesmos, orientando-se pelos Homens ao invés de tentar dominá-los e livrando-se da mentalidade subjetivista e possessiva do pensamento cartesiano; não se sustenta em um cientificismo que se restringe aos conceitos universais e enrijecidos das Ciências Naturais, constituindo-se livre das amarras do pensamento materialista e tecnocrata e dos ideais de superação, perfeição e de poder; busca compreender o Ser Humano por inteiro, sem as dicotomias mente-corpo e homem-mundo ou homem-ambiente, e abandona o entendimento de corpo humano enquanto instrumento, reconhecendo-o como sendo o próprio Ser Humano; acredita que não há uma só pessoa pronta ou acabada, que ser um Ser Humano é estar constantemente em desenvolvimento e transformação, e reconhece a singularidade das pessoas sem esquecer que ela implica necessariamente em diversidade e coletividade.

4. DASEINSANALYSE E KLAUSS VIANNA

Assim como a Daseinsanalyse não se enquadra nos modelos de psicoterapia das psicologias tradicionais de base científica, Klaus Vianna dizia que não se enquadrava em nada que tinha sido escrito a respeito do corpo em sua época e que seu trabalho não cabia em rótulos (VIANNA, 2005). Assim como Medard Boss buscou uma psicoterapia diferente dos padrões de sua época sem, no entanto, negar os conhecimentos já conquistados pela Psicologia, Klaus Vianna buscou uma dança diferente dos padrões da sua e também não negou o que já havia sido feito até então – criticou, sem desvalorizar, o que havia de rígido, frio, imitativo e excludente na dança brasileira. Para Klaus, “na dança e em toda arte vivemos em função da forma, da aparência, da negação da essência” (VIANNA, 2005, p. 78). Daseinsanalyse e Klaus, em busca da valorização das singularidades e da diversidade, saíram das molduras: o primeiro saiu das molduras do determinismo, da mensurabilidade, da generalização e da universalidade; o segundo, além da generalização e da universalidade, saiu também das molduras do virtuosismo, da forma e da estética. Enquanto a Daseinsanalyse buscou fugir das acrobacias intelectualistas nas sessões de psicoterapia, Klaus Vianna tentou fugir das acrobacias virtuosas na dança.

Daseinsanalyse buscou uma nova psicologia, e Klaus buscou uma nova dança - ambos apontaram novos caminhos mostrando, respectivamente, que a Psicologia de tradição científica não é a única maneira de se fazer Psicologia, e que o Ballet clássico não é a única maneira legítima de se fazer Dança no Brasil. Daseinsanalyse e Klaus Vianna sabiam muito bem o que estavam criticando e o valor dessas críticas para suas áreas de atuação, pois conheciam profundamente as bases do que criticavam e, por isso, conseguiram emancipar-se sem negação e desvalorização. Sobre isso, Klaus escreveu que “(...) a tradição do balé se perde em repetições de formas (...)” (VIANNA, 2005, p. 32), mas que “(...) qualquer reforma técnica do balé só poderá ser baseada no ecletismo e não na ignorância total dos princípios acadêmicos. (...) cinco séculos de pesquisa não podem ser desprezados nem substituídos por uma improvisação (...)” (VIANNA, 2005, p. 87). Assim como na Daseinsanalyse, em Klaus Vianna não se trabalha sob uma improvisação irresponsável, pois não se pode inventar ou fabricar movimentos a partir do nada (VIANNA, 2005). O que ocorre é que, em ambas as abordagens, as referências utilizadas e os critérios e tópicos estabelecidos não dominam ou modelam as pessoas, mas ao contrário, orientam-se por elas.

A Daseinsanalyse posiciona-se contra a ideia de homem dominador e possuidor da natureza, retomando a questão do “Ser” e do “sentido” a fim de restaurar uma relação empobrecida do homem com seu mundo que, como dito anteriormente, está sendo vivenciado como uma prisão insuportável. Klaus Vianna também toca na questão do “sentido” dentro da Dança e recusa-se a fazer dela uma prática empobrecida ao não estabelecer-se enquanto “ginástica” sem um sentido além do estético para quem dança, sem levar em conta a relação de quem dança com a própria dança, consigo mesmo, com o outro, com o ambiente, ou seja, com o mundo. Para Klaus, “(...) tudo tem um sentido muito profundo, tudo tem uma razão maior” (VIANNA, 2005, p.79).

“A dança é um ato de prazer, de vida, e só deixa de ser prazerosa e viva no momento em que passa a ser ginástica, exercício, competição de força e de ego. (...) sou eu, com minha percepção, meus conhecimentos, vivências e emoções quem vai escolher o lugar na sala, quem vai levantar o braço, quem vai rodopiar – não é minha perna que vai subir porque o professor mandou (VIANNA, 2005, p. 80).

Klaus Vianna, através da dança, conseguiu enriquecer a relação entre o homem e seu mundo ao buscar uma dança sem amarras, uma dança que fizesse sentido pra quem a dançasse, que não fosse um aprisionamento em passos e formas. O próprio estado de atenção e presença trabalhado em sala de aula enriquece as relações interpessoais e a relação do homem com seu entorno. Como coloca a Daseinsanalyse, o homem tem necessidade de buscar e atribuir sentido às coisas, às experiências, à vida; e Klaus Vianna buscou e atribuiu sentido à sua vida, ao seu trabalho e à sua dança ao invés de apenas reproduzir modelos e movimentos virtuosos. Sobre isso, Klaus escreveu:

“Quando uma técnica artística não tem um sentido utilitário, se não me amadurece nem me faz crescer, se não me livra de todo os falsos conceitos que me são jogados desde a infância, se não facilita meu caminho em direção ao autoconhecimento, então não faço arte, apenas um arremedo de arte (...). Conheço apenas a forma, que é fria, estática e repetitiva, e nunca me aventuro na grande viagem do movimento, que é vida e sempre tenta nos tirar do ciclo neurótico da repetição. Se a dança torna-se adulta em mim, se levantar o braço é um processo que conheço intimamente, que conheço como meu, posso então criar um gesto maduro, individual” (VIANNA, 2005, p. 72-73).

Klauss Vianna levou para a Dança a especificidade da experiência e do comportamento humano que a Daseinsanalyse tanto defendeu que a Psicologia de base científica deixava de lado. Klauss Vianna, percebendo que as coreografias, os passos decorados e a cópia imitativa e rígida deixavam de lado a própria pessoa que dançava, foi atrás de uma dança que considerasse a singularidade de cada corpo, de cada pessoa, estimulando a expressividade e a dança de cada um (VIANNA, 2005). Klauss Vianna nos ensinou algo que podemos levar para a psicoterapia e para todos os aspectos da vida: não devemos decorar os passos, mas sim, aprender o caminho (VIANNA, 2005).

Para Klauss, segundo Neves (2010), o corpo que dança é o corpo que vive e, por isso, a dança não está separada da vida - homem, mundo e vida não ficam de fora, pois “as leis da vida são as mesmas leis da dança, não há como fugir disso” (VIANNA, 2005, p. 34). Segundo Klauss, “mais do que uma maneira de exprimir-se por meio do movimento, a dança é um modo de existir (...)” (VIANNA, 2005, p. 105) e, justamente por isso, cada um possui o seu modo de dançar, cada um possui a sua dança (VIANNA, 2005). Essa ideia segue na mesma direção da Daseinsanalyse que considera os modos de ser-no-mundo como únicos e singulares - para Heidegger, como já dito anteriormente, a existência é, em cada caso, a minha, a sua, a do paciente.

Klauss valorizava a singularidade de cada artista, cada bailarino, cada aluno, cada pessoa, cada corpo - digo desta forma, porque todos podiam participar das suas aulas, não precisavam ter determinadas habilidades nem determinado tipo de corpo para praticarem o que ele propunha. A diversidade de público é uma das características do trabalho de Klauss, pois segundo ele, todos têm algo a dizer com seus corpos (VIANNA, 2005). Segundo Neves (2010), ao dar espaço para a criação singular de cada corpo, Klauss também dava espaço à diversidade e à abertura ao novo, à mudança, ou seja, ao movimento. Para Vianna (2005), o sistema universal não conhece a permanência estática, porque a vida, o mundo e o homem manifestam-se por meio do movimento. Segundo Klauss, “Dançar é muito mais aventurar-se na grande viagem do movimento que é a vida. Nesse sentido, a forma pode comparar-se à morte e o movimento, à vida” (VIANNA, 2005, p. 112).

Para Klauss Vianna e para a Daseinsanalyse as técnicas de Dança e as teorias e técnicas de psicologia não devem funcionar como crivos ou formas nas quais as pessoas devam se encaixar. Para Klauss, segundo Neves (2010), a forma pronta, codificada independentemente do corpo que a produz e repetida muitas vezes apenas para que sua execução torne-se exata, não dá conta do que é vivo e intencional. Da mesma maneira, para a

Daseinsanalyse, as formas prontas, representadas aqui pelas teorias e técnicas psicológicas de base científica, também não dão conta do que é vivo e intencional. Por isso, Daseinsanalyse e Klaus Vianna não seguiram nem se interessaram em criar um modelo ou receita pronta: a psicoterapia e a dança nascem a partir de cada cliente / aluno / bailarino assim como se apresentam (com suas histórias, seus corpos, suas necessidades, suas limitações, etc.). Para cada pessoa, somos solicitados a ter um olhar especial, único, atento e, como defendeu Vianna (2005), sem obsessão e intelectualização, possibilitando maior liberdade prática em relação às outras abordagens psicoterápicas e técnicas de dança. Inclusive, segundo Klaus, “(...) pessoas que até tem um certo talento (...) não conseguem fazer nada de criativo devido ao currículo, aos programas que não podem ser alterados” (VIANNA, 2005, p. 58), e para ele, uma escola nesses moldes mata a criatividade e tira a singularidade de qualquer pessoa (VIANNA, 2005).

Na Daseinsanalyse e em Klaus Vianna, o caminho percorrido por um cliente / aluno / bailarino não será igual ao percorrido por todos os outros, pois cada caso é um caso. Para Vianna (2005), cada movimento é próprio de cada indivíduo porque carrega a história daquele corpo e é fruto de sua organização, o que faz surgir um estilo muito pessoal na dança, por mais semelhantes que as pessoas sejam entre si. Ainda segundo ele, um “mesmo” movimento executado por diferentes corpos serão sempre singulares, porque será invariavelmente carregado de suas particularidades. As decisões sobre o caminho a ser tomado tanto na psicoterapia daseinsanalítica como na aula de Klaus Vianna ou num processo de criação em dança como ele propunha, não são definitivas: psicólogo, professor e bailarino definem etapas sem estruturas rígidas que podem ser modificadas a qualquer momento de acordo com a necessidade de cada um, sem perder a autenticidade e a originalidade dos fenômenos na psicoterapia e sem perder a espontaneidade do movimento na dança. Para a Daseinsanalyse, um psicólogo não deve repetir o modo de trabalhar sem pensar se está ou não adaptado àquele paciente específico. Cada psicólogo desenvolverá seu modo próprio de trabalhar adaptando-se sempre às condições diversas de seus pacientes, sempre levando em consideração os caminhos já percorridos pelas pessoas para continuar a construir com elas de onde estão.

Klaus Vianna também trabalhou dessa maneira. Como exemplo, podemos citar o “Grupo Experimental” criado por Klaus no qual os próprios bailarinos propunham os movimentos e a coreografia que trabalhariam juntos. Klaus apenas acompanhava o processo de maneira a favorecê-lo e dizia o que serviria e o que não serviria, dando a eles liberdade para criar, experimentar e errar (VIANNA, 2005). E essa maneira de trabalhar tanto da Daseinsanalyse como de Klaus Vianna incentiva e promove o desenvolvimento da

autonomia das pessoas em seus processos de autoconhecimento, de autocuidado e de “procura”, expressão esta já discutida nesta monografia anteriormente.

Na Daseinsanalyse e em Klaus Vianna a responsabilidade pelo cuidado com o paciente / aluno / bailarino não é apenas do psicoterapeuta / professor / diretor. Psicoterapia daseinsanalítica é momento de cuidar da existência do paciente ao lado dele como um companheiro de viagem, entregando também a ele a responsabilidade pelo próprio cuidado. A Dança em Klaus Vianna também é momento de autoconhecimento e autocuidado, no qual o professor / diretor é como um parceiro que tira do aluno / bailarino – no sentido de potencialidade e não de algo à priori - o que ele tem para dar (VIANNA, 2005; NEVES, 2010), ou seja, o responsabiliza pelos próprios processos e é ele quem sabe quais são os limites que não deve ultrapassar de forma a não agredir seu próprio corpo, mas sim respeitá-lo. Para Klaus Vianna, antes de aprender a dançar, é necessário que se tenha a consciência do corpo, das suas limitações e possibilidades, ou seja, que se apure o autoconhecimento (VIANNA, 2005).

Respeito, autocuidado, autoconhecimento e autonomia são as premissas da Daseinsanalyse e de Klaus Vianna, e não os ideais de superação, perfeição e de poder. Não há o objetivo de superação dos próprios limites a qualquer custo; não há a obrigatoriedade de mudança de personalidade, na Daseinsanalyse, e de características corporais de acordo com um modelo pré-estabelecido de corpo, na prática de Klaus Vianna. Como defende Klaus Vianna, somos os únicos responsáveis pelo nosso próprio corpo e, por isso, cabe a nós mesmos modificá-lo ou não (VIANNA, 2005).

Klaus, segundo Neves (2010), buscou um trabalho de autoconhecimento, porque a ele interessava um corpo presente e consciente das suas possibilidades, ou seja, um corpo vivo, semelhante ao “corpo vivido” da Daseinsanalyse: um corpo que não fica pronto, que está em constante transformação e que não se esgota em si na sua dimensão biológica, por que se faz nas relações com o outro e o ambiente, ou seja, “no-mundo”. O Homem da Daseinsanalyse e de Klaus Vianna nunca estará acabado, pronto, imóvel, pois se constitui a cada segundo no viver, vivendo; é um Homem constantemente em movimento e ativo em sua própria história. Daseinsanalyse e Klaus Vianna contribuem para que as pessoas tomem consciência disso a partir de um trabalho no aqui e agora, buscando o enriquecimento da consciência que elas têm de si mesmas, do outro e do mundo no momento presente - em oposição a um estado de ausência de si mesmas, de um autoconhecimento empobrecido. Neste sentido, Klaus Vianna trabalha o que hoje é chamado de “presença” pela Técnica Klaus Vianna, entendido como

um estado de atenção no aqui e agora que propicia a escuta do próprio corpo (MILLER, 2005), ou seja, que propicia o autoconhecimento. Na Daseinsanalyse, esse autoconhecimento, essa consciência de si mesmo, do outro e do mundo estão relacionados ao que essa abordagem entende como sendo a própria cura e o fim de um processo de psicoterapia daseinsanalítico.

Na Daseinsanalyse, a cura não é remoção de sintomas, mas uma aproximação ou (re)apropriação de si mesmo em oposição a um estado de alienação. A cura aqui não acontece pela interpretação dos sintomas ou pela mudança de comportamento, mas por meio do autoconhecimento. Se o objetivo de um trabalho é primordialmente a eliminação de sintomas e a mudança de comportamento, não se leva em consideração a diversidade humana e a autonomia das pessoas em seus processos de cura, pois essa eliminação e essa mudança ocorreriam por meio de um movimento impositivo de outrem, e não como consequência do autoconhecimento. O mais importante tanto na Daseinsanalyse como em Klaus Vianna é promover autoconhecimento e autonomia para que cada pessoa possa trilhar seu próprio caminho. Como Klaus defendeu referindo-se à dança, “(...) por meio do conhecimento e do autodomínio chego à forma, à minha forma – e não o contrário” (VIANNA, 2005, p. 73).

Porém, como Klaus Vianna nos lembra, “existe um medo muito grande do autoconhecimento e a maioria das pessoas não resiste ao processo inicial, que sem dúvida requer uma grande dose de vontade e despojamento” (VIANNA, 2005, p. 130). O mesmo ocorre com a Psicoterapia Daseinsanalítica. O autoconhecimento é difícil, pois implica em percebermos não somente o que temos de belo e bom, mas também nossos limites, medos, dificuldades, angústias, fraquezas, etc. Sobre isso, Vianna (2005) defende que a dança não é apenas espetáculo, mas um lugar de ansiedades e questionamentos, por que ao darmos espaço aos músculos, toda a história de vida das pessoas começa a surgir e, com isso, as alegrias, tristezas, felicidades, vontades, frustrações e fantasias também. Ao invés de tentar excluir as emoções das suas aulas, Klaus Vianna as incorporou, defendendo que emoção é movimento e que são justamente os momentos críticos e instáveis que nos dão a possibilidade de mudança e evolução, pois sem desestabilização não teremos a necessidade de criar novos recursos e novas alternativas (VIANNA, 2005). Para Klaus, “(...) se fugimos às dificuldades que surgem, encerramos a própria vida” (VIANNA, 2005, p. 99). Klaus nos conta, inclusive, que não tentava esconder nem mesmo as suas próprias emoções enquanto professor em sala de aula, defendendo que:

“(...) ao entrar numa sala de aula, é preciso deixar os problemas lá fora. Impossível, pois minhas angústias e tensões estão presentes em meu corpo, em meus gestos. Durante a aula é impossível camuflar,

esconder o que sinto e o que trago do cotidiano. Em vez de reprimir esses sentimentos é possível trabalha-los, dimensionando-os de forma mais equilibrada (...). A repetição dos movimentos em uma sala de aula leva - ou deveria levar - à observação de nossas dificuldades” (VIANNA, 2005, p. 75).

Na Daseinsanalyse os momentos difíceis também são vistos sob a mesma perspectiva, e no lugar de eliminar rapidamente os sintomas para livrar os pacientes de todo sofrimento, de toda a angústia, são eles o motor e o direcionamento da psicoterapia. É por eles e com eles que as pessoas vão descobrir e criar novas alternativas, novos caminhos, novas possibilidades; e isso é promoção de saúde: como já explicamos anteriormente, a doença e o adoecer para a Daseinsanalyse, dentre outras coisas, têm a ver com a redução das possibilidades do existir humano. Desta forma, Klauss Vianna também contribui para a promoção de saúde, pois, assim como na Daseinsanalyse, ao não separar mente e corpo como afirma Neves (2010) e, ainda como afirma a mesma autora, ao contribuir para um processo de ampliação das possibilidades de cada corpo, entendo que Klauss acaba por contribuir para a ampliação das possibilidades do homem como um todo, ou seja, para a ampliação das possibilidades humanas, não apenas de um corpo meramente material. E nesse sentido, o trabalho de Klauss Vianna é muito mais válido para o processo de “pro-cura” entendido pela Daseinsanalyse que outros trabalhos e abordagens terapêuticas que se preocupam em reparar uma a uma as funções psíquicas do paciente como se elas fossem isoladas umas das outras e do ambiente / mundo.

Sobre a questão do corpo citada no parágrafo anterior, de acordo com Neves (2010), Klauss Vianna buscava uma dança que não separasse mente e corpo, pois, para ele, “o homem é uno em sua expressão: não é o espírito que se inquieta nem o corpo que se contrai – é a pessoa inteira que se exprime” (VIANNA, 2005, p. 150). Tanto Klauss Vianna quanto a Daseinsanalyse compreendem que não nos vivenciamos como algo contido dentro de um corpo ou como organismos físicos delimitados por uma pele, mas que nossa existência acontece enquanto uma totalidade. Daseinsanalyse na Psicologia e Klauss Vianna na dança não caíram na armadilha de privilegiar ou somente a parte subjetiva ou somente a parte objetiva do homem, como se essa separação fosse possível - como defendeu Klauss Vianna, “(...) dançar é estar inteiro” (VIANNA, 2005, p. 32). Para ambos, o existir do homem é necessariamente corporal, mas esse corpo não é inanimado, não é um mero objeto, esse corpo é vivo. Por isso, como já dissemos anteriormente, a Daseinsanalyse explica que o fisiológico é

condição necessária, mas não suficiente para o entendimento das realizações humanas, porque é sempre na sua totalidade que o ser é tocado.

Klaus Vianna e a Daseinsanalyse nada têm contra os conhecimentos sobre o corpo advindos de uma visão orgânica e fisiológica - ambos também compreendem o corpo enquanto processos físico-químicos, mas não apenas desta maneira. Klaus trabalhou com a musculatura do corpo e com os direcionamentos ósseos, por exemplo, mas a anatomia e a fisiologia em seu trabalho não eram usadas como no método científico natural, de forma pura, congelada, morta. A Klaus Vianna interessava como as pessoas vivenciavam suas próprias estruturas no movimento, como elas as conheciam e as utilizavam na vida, na experiência, de forma viva, significativa e valorizando a “processualidade”, sem a intenção de racionalizar e “cientificar” nada, sem buscar verdades absolutas (MILLER; NEVES, 2013). Da mesma forma, para a Daseinsanalyse, como já explicamos anteriormente, tais conhecimentos físico-químicos não dão conta da experiência singular de cada um em relação ao próprio corpo, pois não são suficientes para descrever a qualidade de nossa relação com o mundo através do corpo que somos, porque não temos um corpo, somos um corpo.

Para a Daseinsanalyse, encontros entre homens são possíveis porque o homem é seu próprio corpo, este não é um instrumento mediador. E a mesma ideia é encontrada no trabalho de Klaus Vianna que, segundo Miller (2012), não trata o corpo como um instrumento a ser constantemente afinado, lapidado, treinado, adestrado para que sua expressividade possa vir à tona permitindo que ele se comunique melhor. Para Klaus e para a Daseinsanalyse a comunicação acontece no e pelo corpo sem mediação e, por isso, não há como não se comunicar. Como já discutimos anteriormente, a Daseinsanalyse defende que no encontro com o outro nos revelamos diretamente a ele no olhar, no gesto, no movimento, na atitude, na palavra – o que nos possibilita penetrar em seu mundo enquanto sistema de significados para ele, e vice-versa. Daseinsanalyse e Klaus Vianna reconhecem que, como defendido por Luijpen (1973), há uma influência recíproca entre os homens no coexistir que, de forma alguma, é um influxo de uma coisa sobre outra, porque o corpo de cada um continua sendo de cada um, e não um resultado de causas unilaterais determinantes.

Klaus e a Daseinsanalyse reconhecem o que há de pessoal no corpo humano ao considerarem que cada um é seu próprio corpo, ou seja, o corpo é meu, teu e dele, enquanto que no método científico natural, o “meu”, o “teu” e o “dele” não aparecem – aparece apenas “o” corpo humano generalizado, sem uma pessoalidade. Em ambas as abordagens o corpo é compreendido como histórico, social, cultural e também como próprio e singular. Segundo

Luijpen (1973), conforme já dito anteriormente, meu corpo, ao mesmo tempo em que se constitui nas relações com o mundo, constitui também meu próprio ponto de vista nele - conhecemos o mundo pela perspectiva do nosso próprio corpo: tudo que designo como duro, angular, viscoso, vermelho, espacial, leve, saboroso, cheiroso, dentre outras qualidades, implica necessariamente a experiência do meu corpo.

De acordo com Miller (2012), Klauss Vianna propõe uma vivência exploratória que torna possível um “despertar” do corpo, ou seja, que cada pessoa se torne mais conscientemente ativa no processo de construção do próprio corpo, tornando-o mais autônomo, presente, sensível e disponível à escuta e às constantes transformações. Klauss Vianna, segundo Miller (2012) e Vianna (2005), estimulava os alunos a conhecerem e reconhecerem seus próprios corpos para saírem gradualmente de um estado de ausência para um estado de presença corporal, pois Klauss havia observado que muitas pessoas chegavam até ele com certo distanciamento do próprio corpo, com receio do próprio movimento, com uma autoimagem distorcida e com certos padrões posturais. De acordo com Vianna (2005), a lógica e a disciplina de um mundo orientado para o trabalho tem nos levado à imobilidade e a um gestual mecânico, porque “o universo da produção é hoje um universo de trabalho alienado, no qual também o corpo é submetido a um conjunto de práticas de domesticação social” (VIANNA, 2005, p. 126). Segundo Klauss Vianna, “dizem que vivemos na era do corpo, da preocupação com a chamada expressão corporal, mas afirmo que nunca vivemos uma ausência tão grande do corpo (...)” (VIANNA, 2005, p. 74),

Klauss nos conta que temos uma tendência a assimilar determinadas posturas tomando como referência modelos exteriores a nós mesmos e que não correspondem a nossa forma de agir e pensar. Mas, para ele, “(...) se não é realmente nossa postura que procuramos ostentar, como podemos desenvolver ações e ideias próprias?” (VIANNA, 2005, p. 126). Em seu trabalho, Klauss Vianna favorece a compreensão daquela postura – daquele posicionar-se diante do mundo - que corresponde à trajetória pessoal de cada um, às suas experiências cotidianas, às suas ansiedades e aos seus questionamentos (VIANNA, 2005). Neste sentido, enquanto a Daseinsanalyse busca ajudar os pacientes a descobrirem seus modos de “ser-no-mundo” por meio de seus padrões de conduta, Klauss Vianna, na dança, faz o mesmo com seus alunos / bailarinos por meio de seus próprios padrões de movimento – padrões estes intimamente atrelados um ao outro (já que ambos não separam mente e corpo). E Klauss não coloca seu trabalho enquanto uma fórmula ideal que soluciona qualquer desvio ou vício de postura – assim como na Daseinsanalyse, em lugar de uma receita do que deve ser, interessa a

Klauss despir a pessoa da imagem e da postura com as quais se acostumou a encarar o mundo de maneira acomodada, dentro de padrões impostos por outrem (VIANNA, 2005). Nas aulas de Klauss não há, inclusive, espelhos para que o corpo que dança não seja tratado com referências externas a ele (MILLER, 2012), pois, como na Daseinsanalyse, a pessoa deve buscar se perceber sob seu próprio ponto de vista, sob sua própria perspectiva.

Segundo Neves (2010), para Klauss Vianna, o artista deve provocar-se o tempo todo de forma a buscar novos pontos de vista, de forma a colocar-se constantemente em ação investigativa, ou seja, em movimento. Sobre isso, Klauss afirma que “(...) é preciso desestruturar o corpo; sem essa desestruturação não surge nada de novo” (VIANNA, 2005, p. 77). Na Daseinsanalyse, a psicoterapia também deve ser uma ação investigativa tanto do paciente quanto do psicólogo em relação a si mesmos, ao outro e ao mundo. O papel do psicólogo da abordagem Daseinsanalítica, assim como o adotado pelos que defendem as propostas de Klauss Vianna, é de facilitador, provocador, orientador, companheiro e pesquisador de si mesmo, incentivando o paciente / aluno / bailarino a ser também um investigador / pesquisador de si mesmo em todas as esferas da vida. Como defendido por Miller (2012), o aluno deve conquistar autonomia de ação investigativa em sala de aula e fora dela, pois, para Klaus Vianna, aprender a questionar e a observar a nós mesmos, sendo autocríticos do que fazemos, é a melhor forma de aprendizado (VIANNA, 2005).

Em favor da autonomia, em ambas as abordagens, desconstrói-se o papel do psicoterapeuta / professor / diretor como figuras-modelo conhecedoras das ações corretas às quais paciente / aluno / bailarino devem obedecer, seguir e reproduzir para chegarem a um resultado almejado (MILLER, 2012). Daseinsanalyse e Klauss Vianna defendem que as pessoas têm suas potencialidades, e é preciso que o psicoterapeuta / professor / diretor esteja suficientemente próximo do paciente / aluno / bailarino não apenas no sentido físico, mas no sentido de disponibilidade, em clima de compreensão, cumplicidade, confiança e troca para que essas potencialidades se aflorem, favorecendo a criação, descoberta, elaboração e reelaboração dos processos de cada um. Para a Daseinsanalyse e Klauss Vianna, a relação na qual psicoterapeuta / professor / diretor coloca-se como distante, superior e onipotente enquanto paciente / aluno / bailarino coloca-se como subserviente pode ser muito prejudicial ao processo que se desenvolve e à própria vida (VIANNA, 2005). Segundo Klauss:

“(...) o professor não é o dono da verdade, não sabe tudo (...). É aí que a relação começa a surgir, é a partir daí que descobrem que sou um ser humano como qualquer outro e então sentem condições de abrirem-se e falarem um pouco deles mesmos” (VIANNA, 2005, p. 134).

Vianna (2005) conta que começa suas aulas sentado em círculo no chão com seus alunos, dando espaço para que eles “(...) falem do que quiserem, da vida, de por que estão ali, o que buscam em uma sala de aula” (VIANNA, 2005, p. 132). Pois, para Klauss, “Falar é uma das formas pelas quais um ser humano situa-se no mundo, uma maneira de o corpo traduzir o que está sentindo” (VIANNA, 2005, p. 132). E esse pensamento de Klauss tem a ver com o pensamento da Daseinsanalyse sobre linguagem: esta é entendida por Heidegger como a morada do ser, isto é, como o lugar no qual o paciente tece os significados e sentidos da sua existência. Como defendido por Pompéia e Sapienza (2013), a linguagem é articulação de significados (POMPÉIA; SAPIENZA, 2013).

Entretanto, de forma alguma a linguagem, tanto em Klauss como na Daseinsanalyse, é entendida apenas enquanto fala, em ambos ela acontece no e pelo corpo - se fala é linguagem, assim o é porque é corpo. Em ambos, o corpo como um todo, que inclui fala e movimento, revela um ser singular, uma existência ou modo de existir singular, por isso o desenvolvimento e o aprimoramento da escuta de si e do outro é de grande importância nas duas abordagens. E não é uma escuta interpretativa, pois, como dito anteriormente, como consideram que a comunicação ocorre sem mediação, não é preciso interpretar coisa alguma, não é preciso olhar por detrás ou além daquilo que se apresenta para saber o que algo “realmente” comunica. A comunicação já está no corpo, no movimentar-se e no não movimentar-se.

Ambas as abordagens, uma pela via do movimento e da dança e outra pela via psicoterapêutica, passam concomitante e necessariamente, de maneiras diferentes, pelas questões do corpo e da linguagem, pois não há como separá-las. E a meu ver, assim como a linguagem na Daseinsanalyse, a linguagem em Klauss Vianna também ocorre via poiesis que, como já foi explicitado anteriormente, significa que acontece sem “intelectualizações”, sem a necessidade de explicações lógico-rationais. Como explica Pompéia e Sapienza (2013), é uma linguagem que busca o interlocutor em seu espaço de liberdade, isto é, o outro não é obrigado a concordar comigo porque não se coloca em questão a verdade absoluta – a verdade em Klauss e na Daseinsanalyse aparece enquanto “aletheia” que, como explicamos anteriormente, é uma verdade manifesta, uma verdade de cada corpo, de cada um. Segundo Klauss, “a dança deve ser abordada com base na sensibilidade, na verdade de cada um” (VIANNA, 2005, p. 76), pois o questionamento próprio “(...) é a mola propulsora da vida, da arte e de todo o conhecimento (...)” (VIANNA, 2005, p. 76). Sobre isso Miller (2005) escreveu:

“O que é dança? Se eu desse varias definições aqui, sempre estaria faltando alguma colocação mais precisa. Concluo que é pessoal e depende do momento em que você esteja. Dança para mim, hoje, é sentir a verdade do movimento. Cada um tem a sua verdade, cada um tem a sua dança” (MILLER, 2005, p. 107).

Daseinsanalyse e Klaus Vianna, por considerarem e respeitarem as verdades de cada um, consideram e respeitam também a diversidade, pois reconhecem que sempre haverá o outro com suas verdades, com sua maneira de ser, com seu modo de ver o mundo; e coexistindo, as pessoas se influenciam, se contaminam, se transformam em suas relações - isso é o que a Daseinsanalyse chama de “ser-com-o-outro”. Klaus e a Daseinsanalyse reconhecem que estamos sempre em relação, em diálogo, em troca com o outro no e com o mundo; e em seus trabalhos, isso ocorre de maneira não hierárquica, pois se empenham para proporcionar um clima de solicitude que favorece o desenvolvimento dos vínculos afetivos entre as pessoas, vínculo este que, por si só, já é terapêutico - um dos possíveis motivos pelos quais os alunos de Klaus Vianna o acabam considerando um terapeuta mesmo suas aulas não tendo esse foco.

Para Klaus, “tudo no corpo, na vida, na arte, é uma troca” (VIANNA, 2005, p.78), e a Daseinsanalyse ainda acrescenta que, como já citado anteriormente, não há saúde e doença fora dos relacionamentos humanos simplesmente pelo fato de não haver fenômeno existencial que não seja social. O trabalho de Klaus, assim como a psicoterapia daseinsanalítica, visa proporcionar um relacionamento vivo, poroso, acolhedor e de cumplicidade, no qual “(...) a vivência de um reverbera no outro como experiência de relações” (MILLER, 2012, p. 12). As pessoas são levadas a prestarem mais atenção umas às outras, inclusive em si mesmas e na singularidade das relações que se dão. Psicólogo e paciente, diretor e artistas, professor e alunos vão se desenvolvendo juntos, nas relações com o outro, com o grupo e com o espaço no qual se situam.

Assim como na Daseinsanalyse, a questão do espaço em Klaus Vianna também tem grande importância, pois para ambos não se separa o homem de seu entorno, e isso se refere tanto ao espaço físico quanto ao contexto sócio-histórico-cultural. A Daseinsanalyse defende que Homem e mundo formam um único fenômeno, o “ser-no-mundo”, e “no-mundo” indica essa espacialidade; e nesse mesmo sentido, Klaus Vianna defende que o Homem enquanto dança, percebe que é uno consigo mesmo e com o mundo exterior (VIANNA, 2005). Para ambos, todas as nossas relações se dão no espaço e com o espaço, pois somos interdependentes dele.

Na dança de Klauss essa relação se faz muito nítida e intencionalmente: “(...) antes de começar qualquer trabalho corporal, eu incorporo o espaço que vou usar” (VIANNA, 2005, p. 96). Klauss busca e valoriza essa relação em seu trabalho, instigando o aluno / artista a aguçar sua percepção do espaço com olhar observador, atento e consciente das limitações e contaminações que ele provoca; e essas contaminações ocorrem numa via de mão dupla: os espaços ganham significações a partir de nossos pontos de vista e atitudes sobre eles, ao mesmo tempo em que eles influenciam nossos pontos de vista, nossas atitudes, nossos movimentos, nossa dança, nosso modo de ser. Como defendido por Klauss, “à medida que tecnicamente vou mudando meus espaços, meu eixo, minha flexibilidade e equilíbrio, trabalho também minha visão de mundo, minha ótica das coisas e das pessoas” (VIANNA, 2005, p. 97); por isso, para ele, “é preciso sempre notar (...) a relação entre a dança e o espaço onde se faz essa dança” (VIANNA, 2005, p. 45) e é preciso também variar esses espaços, justamente porque novos espaços envolvem novas musculaturas e novas perspectivas sobre si mesmo, o outro e o mundo (VIANNA, 2005).

É importante ressaltar também que, para ambas as abordagens, os espaços do consultório, da sala de aula e do palco se fazem nas relações entre psicólogo e cliente, professor e alunos, diretor e artistas; eles nunca estão prontos esperando alguém para habitá-los, pois se constituem a partir de uma “co-construção” que ocorre a cada encontro, a cada aula, a cada espetáculo. Criamos, significamos e ressignificamos os espaços juntos, considerando que há diferentes maneiras de ocupa-los e de nos relacionarmos neles e com eles.

Além disso, Klauss vê a importância do bailarino não fechar-se na sala de aula sem se preocupar com as questões do mundo, pois antes de ser um bailarino ele é um ser humano (VIANNA, 2005), ou como diria a Daseinsanalyse, ele é um “ser-no-mundo”, e isso significa que ele é atingido, tocado, chamado, solicitado, reivindicado constantemente por tudo que vem ao seu encontro. Para Klauss, essa relação com o mundo é o que move o desenvolvimento pessoal e a própria dança, porque é dessa relação que emerge a singularidade de cada um (VIANNA, 2005). Segundo Vianna (2005), criamos a nossa forma de expressão, a nossa dança a partir do corpo e de suas questões que não estão isoladas do ambiente, pois o corpo que dança é o mesmo que vive o cotidiano. Por isso, para ele, o trabalho será mais rico e proveitoso se considerarmos os questionamentos que vivemos nas relações com o mundo, se estivermos mais atentos a nós mesmos não apenas na sala de aula, mas na rua, no trabalho, na vida (VIANNA, 2005).

Entretanto, Vianna (2005) nos conta que os bailarinos têm a tendência de viver numa redoma de vidro, mas Klaus “(...) fazia questão (...) que eles fossem seres humanos, e não apenas bailarinos” (VIANNA, 2005, p. 64).

“Não é só dançar, é preciso toda uma relação com o mundo à nossa volta. Não adianta se isolar em uma sala de aula, isso leva a um completo distanciamento da vida, de tudo que acontece no mundo. O ser humano que existe no bailarino precisa estar atento e receber tudo lá fora, nas ruas. É impossível dissociar vida de sala de aula” (VIANNA, 2005, p. 41).

O respeito ao tempo de cada um é outro aspecto sobre o qual Daseinsanalyse e Klaus Vianna dialogam muito bem. Assim como a Daseinsanalyse, Klaus Vianna busca aquele tempo enquanto “Kairós” que, como já explicado anteriormente, é tempo enquanto oportunidade, tempo propício para alguma coisa, um tempo vivido por cada pessoa em particular, um tempo que visa sempre à qualidade da experiência e, por isso, não há pressa. Vivemos em um tempo no qual a pressa está presente em quase tudo, pois se visa à eficiência, e “(...) mais eficiente é a maior produção na menor unidade de tempo” (POMPÉIA; SAPIENZA, 2013, p. 56). Na Daseinsanalyse e em Klaus Vianna, há encorajamento, direcionamentos e correções nos trabalhos, mas sem acelerar, forçar, sufocar o tempo das pessoas, sem invadir o espaço delas e sem exigir algo além do que o outro pode dar naquele momento. Para Klaus, “Não adianta insistir: quanto mais você insiste, mais perde sua espontaneidade, sua individualidade (...)” (VIANNA, 2005, p.63). Em ambas as abordagens, há grande liberdade, flexibilidade no processo e é sempre a pessoa ou o grupo de pessoas que vai mostrando o ritmo a ser tomado, pois cada um e cada grupo têm o seu tempo, e o psicólogo / professor / diretor deve respeitar isso.

Segundo Klaus:

“(...) professores e bailarinos querem resultados em pouco tempo. O problema é que não se pode dar saltos em arte. Existe o dia, a noite, a semana, o mês, o ano, você não tem como suprimir o tempo. Não posso pular uma noite, não posso ir contra a natureza, a natureza do meu corpo. Não posso lutar contra algo que é muito maior que eu. O aprendizado exige um tempo e esse tempo precisa ser consciente. (...) existem as individualidades - e o professor existe para reconhecê-las-, e esse tempo varia em cada um” (VIANNA, 2005, p. 51).

Além disso, Daseinsanalyse e Klauss Vianna esforçam-se para que as pessoas vivam suas relações no presente, no aqui agora, pois, como nos lembra Klauss Vianna, é difícil estarmos presentes, porque “(...) vivemos muito em relação ao passado, ou nos sonhos em relação ao futuro, mas somos incapazes de viver o momento presente no nível físico” (VIANNA, 2005, p. 136). Para a Daseinsanalyse, conforme citamos anteriormente, como o desenvolvimento humano não é uma sucessão de fases ou etapas que vão deixando as outras para trás e, por isso, passado e futuro estão presentes em todos nós – não enquanto aprisionamento - a Daseinsanalyse ao valorizar e interessar-se pelo momento presente, e a dança em Klauss ao estimular e proporcionar a vivência desse momento, ambos trabalham também com passado e futuro, mas não se prendendo a eles. Daseinsanalyse e Klauss acabam por trabalhar com aquilo que do passado e do futuro se faz presente hoje, no aqui e agora de cada um. Como defendeu Klauss, a dança não deve se prender ao passado ou ao futuro, mas fazer-se no momento presente, no aqui agora (VIANNA, 2005), inaugurando, como defendido por Miller (2012), um corpo vivo, sensível, atento e disponível para perceber o que acontece com ele e com o mundo a sua volta num estado de prontidão, assim como na Daseinsanalyse.

5. ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES

Considero importante ressaltar que, o que chamo nesta monografia de “pensamento” de Klauss Vianna sobre corpo e dança, são apenas fragmentos recortados de um todo, porém com muito cuidado e respeito. De forma alguma acredito ter conseguido alcançar toda a dimensão desse pensamento e estou ciente que apenas me foi possível abarcar o meu ponto de vista e as minhas reflexões sobre ele neste trabalho. Mas este fato não se constitui em um problema, pois em momento algum tive a pretensão de estabelecer quaisquer certezas, conclusões ou verdades absolutas. Meu objetivo foi estabelecer um diálogo entre as duas fontes de estudo e pesquisa que tem orientado meu trabalho enquanto psicóloga de forma que eu pudesse refletir sobre ele no que diz respeito às ideias, crenças, filosofias que dão embasamento e direcionam a construção do meu caminho profissional – e esse objetivo foi sendo cumprido no decorrer desta monografia, em cada capítulo, em cada parágrafo.

Com uma formação ampla, a Universidade nos dá a graduação em Psicologia, mas não nos faz psicólogos. Assim como em qualquer profissão, é no “fazer” que nos tornamos profissionais e é por isso que ele precisa ser constantemente pensado e repensado, porque, principalmente no início da carreira, esse “fazer” acontece de forma um tanto caótica, como foi o caso do próprio Klauss Vianna que foi experimentando, criando, errando, recomeçando e descobrindo o seu espaço aos poucos. As reflexões aqui estabelecidas deram-me a possibilidade de fazer uma pausa meditativa, de estabelecer uma “visão panorâmica” das minhas escolhas, preferências, descobertas e práticas até aqui com mais consciência delas. Acredito que quanto mais clareza eu tiver sobre as escolhas que já fiz, tanto mais utilizarei com sabedoria minha liberdade para escolher os próximos passos e assumir as responsabilidades sobre eles. Este trabalho tem sua relevância coletiva nesse sentido, porque coloca em questão, para todos os profissionais, a importância da reflexão sobre as escolhas na construção do caminho profissional de cada um.

Minhas reflexões, longe de se esgotarem aqui, continuarão no meu dia a dia, em cada atendimento psicológico, em cada relacionamento humano, em toda atividade que eu realizar enquanto psicóloga para que eu continue consciente de como estou compreendendo o Ser Humano que a mim se apresenta, de como preciso abordá-lo, de como preciso prosseguir com a psicoterapia, de como precisa ser minha postura enquanto psicóloga, de que tipo de Ser Humano estou contribuindo para que “exista” no mundo. Estou contribuindo para o aumento do poder de um sujeito dominador do mundo e de seus semelhantes, como na mentalidade

subjetivista de Descartes? Estou contribuindo com a alienação das pessoas aderindo a práticas de domesticação social? Estou orientando meus pacientes a partir de um ideal de superação, perfeição, competitividade e consumo, afastando-os forçosamente de toda frustração e de todo sofrimento prometendo felicidade e bem estar permanentes?

A relevância pessoal desta monografia foi poder enxergar que seguindo o caminho que passa pela Daseinsanalyse e por Klaus Vianna, tenho grande chance de responder “não” para as perguntas anteriores, porque esse trajeto permite que psicólogo e paciente vivam juntos um processo libertador. Percebo que ele tem me ajudado a me orientar e a orientar meus pacientes a buscar o caminho do autoconhecimento; da autonomia; da liberdade e responsabilidade por nossas próprias escolhas; da ampliação das nossas possibilidades de existência, dos modos de ser; da abertura para relacionamentos mais saudáveis com o outro e com o mundo; da crença nas nossas próprias potencialidades e na valorização delas.

E quais os próximos passos neste caminhar? Deixar que os desdobramentos desse diálogo, que as novas dúvidas, curiosidades, inquietações e possibilidades surjam com o tempo no decorrer do meu trabalho; continuar a buscar sempre novas fontes de estudo e pesquisa que enriqueçam o meu aprendizado sobre o Ser Humano, sem me restringir apenas aos conhecimentos da Psicologia, assim como Klaus também não se restringiu a uma área de estudo. Klaus Vianna transitou e se arriscou por todos os espaços e estudos que suas angústias, dúvidas, intuições, necessidades, curiosidades, insatisfações e incertezas o levaram, como num “jogo de encaixes (...) com a incessante união de uma nova peça ao todo infinito” (VIANNA, 2005, p. 69).

Assim como Klaus, tenho me deixado mover por minhas inquietações e buscado informações em tudo que tem me ajudado a compreender o Ser Humano que a mim se apresenta no dia a dia da profissão. Como afirma Sapienza (2004), se o homem é um ser-no-mundo, para que se possa amplamente olhar para o que diz respeito a sua existência, o psicólogo não deve apenas saber Psicologia, mas encarar sempre novos estudos, aperfeiçoamentos e experiências das mais acadêmicas às mais cotidianas e simples de forma a aguçar sua compreensão sobre tudo aquilo que perpassa a existência humana, sobre tudo aquilo que diz respeito a ela, desde o contexto histórico-cultural no qual ele e o paciente vivem, até se arriscar pelos terrenos das artes, da religião, da mitologia, e etc. Não cabe mais ficarmos presos às “áreas” de conhecimento, porque tudo se atravessa e, como defendido por Sapienza (2004), tudo, de alguma forma, nos conta como são os seres humanos.

Tenho em Klauss Vianna uma inspiração e um exemplo de como é ser um profissional que escolhe e constrói o próprio caminho com consciência, autocrítica, liberdade, responsabilidade, autonomia, criatividade e autenticidade. Klauss refletiu sobre seus interesses, conhecimentos e trabalhos no sentido de compreender o que fez, fazia e gostaria de fazer do começo ao fim de sua vida. Foi um brasileiro que, ao refletir sobre o corpo humano, sobre sua utilização e seu entendimento dentro da dança brasileira, sobre o que era e como se fazia dança e teatro no Brasil em sua época, contribuiu para avançarmos no árduo caminho de superação de uma cultura reflexa, vegetativa, emprestada e imitativa neste país. Tal como todo profissional deveria, a meu ver, pelo menos tentar ser, Klauss Vianna foi protagonista consciente e criativo de sua própria história profissional ao invés de vítima do que diziam os artistas, pesquisadores e intelectuais de seu tempo. Assim como existem muitos caminhos possíveis dentro da Psicologia, Klauss mostrou que assim também pode ser na dança brasileira – e mais que isso, Klauss mostrou que cada um pode fazer seu próprio caminho.

Dentre todos os caminhos possíveis para um psicólogo, este caminho que passa pela Daseinsanalyse e por Klauss Vianna não é o mais correto, o melhor ou um caminho qualquer - é o “meu” caminho, aquele que tem dado sentido à minha atuação, à minha vida. Fazer desta monografia a oportunidade para refletir sobre o caminho que tenho seguido / construído até aqui é uma tentativa de não ser vítima do que se disse nos livros, do que se disse na faculdade, do que se disse “por aí”; é tentar e buscar ser protagonista consciente e criativa da minha própria história profissional; é dar sentido a ela e a minha própria vida pessoal, porque ambas acontecem juntas e não há como separá-las.

Optei por escrever em primeira pessoa esta monografia porque defendo que a impessoalidade almejada pela escrita acadêmica é inatingível. Acredito que nada do que é feito pelo Ser Humano pode ser impessoal, como defendido pelo filósofo e professor brasileiro Hilton Japiassu (1934 – 2015), em seu Livro “O Mito da Neutralidade Científica” de 1975. E um trabalho que discute Klauss Vianna e Daseinsanalyse, ambos empenhados, a meu ver, em buscar aquilo que no Ser Humano há de mais pessoal, próprio, singular, não combina com a impessoalidade que boa parte dos acadêmicos almeja. Esta monografia não é artística, como muitos trabalhos contemporâneos de artistas que tem se formado na academia, mas certamente não se configura como uma monografia convencional, assim como Klauss Vianna e a Daseinsanalyse não foram e nem fizeram questão de ser.

REFERÊNCIAS

ANGERANI – CAMON, V. A. (org.). **O atendimento Infantil na ótica fenomenológico – existencial**. Ribeirão Preto, São Paulo: Thomson. 2004.

BOSS, M. **Angústia, culpa e libertação: ensaios de psicanálise existencial**. Tradução de Barbara Spanoudis. 2ª ed. São Paulo: Duas Cidades, 1977.

COLPO, M. O. O método fenomenológico de investigação e as práticas clínicas em psicologia. **Psicologia Revista**. São Paulo, v. 22, n. 1, 2013, p. 101-118. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/psicorevista/article/view/16660>>. Acesso em: 08 nov. 2016.

DANTAS, J. B. Corpo e Existência: Outro Modo de Compreensão da Psicossomática. **Interação Psicologia**. Universidade Veiga de Almeida: Rio de Janeiro, out 2011, p. 71-80. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/269734574_Corpo_e_existencia_outro_modo_de_compreensao_da_psicossomatica>. Acesso em: 08 nov. 2016.

GAIARSA, J. A. **Meio século de psicoterapia verbal e corporal**. São Paulo: Ágora, 2006.

HEIDBREDEER, E. **Psicologias do século XX**. Tradução de Lauro S. Blandy. 3ª ed. São Paulo: Mestre Jou, 1975.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

HEIDEGGER, M.; BOSS, M. **Seminários de Zollikón**. Tradução de Gabriella Arnhold e Maria de Fátima de Almeida Prado. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

LUIJPEN, W. A. M. **Introdução à fenomenologia existencial**. Tradução de Carlos Lopes de Mattos. São Paulo: EPU, 1973.

MILLER, J. **A Escuta do Corpo. Sistematização da Técnica Klauss Vianna**. São Paulo: Summus, 2005.

_____, J. **Qual é o corpo que dança? Dança e Educação Somática para adultos e crianças**. São Paulo: Summus, 2012.

MILLER, J. e NEVES, N. **Técnica Klauss Vianna - Consciência em Movimento**. In: ILINX - REVISTA DO LUME. Campinas: Unicamp, nº 3, set. 2013.

NEVES, N. **A técnica como dispositivo de controle do corpomídia**. PUC, São Paulo: 2010. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaObraForm.do?select_action=&co_autor=129043>. Acesso em: 08 nov. 2016.

PINTO, A. V. **Ciência e existência: problemas filosóficos da pesquisa científica**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

PISANI, E. M.; BISI, G. P.; RIZZON, L. A.; NICOLETTO, U. **Psicologia Geral**. 9ª ed. Porto Alegre: Vozes, 1990.

POMPÉIA, J. A; SAPIENZA, B. T. **Na presença do sentido: uma aproximação fenomenológica a questões existenciais básicas**. 2ª ed. São Paulo: EDUC; ABD, 2013.

REHFELD, A. Corpo e Corporeidade: uma leitura fenomenológica. **Revista de Psicologia do Instituto de Gestalt de São Paulo**, n.1, 2004. Disponível em: <
<http://fenoegrupos.com.br/2010/03/29/corpo-e-corporeidade-uma-leitura-fenomenologica/>>. Acesso em: 08 nov. 2016.

ROEHE, M. V. Uma abordagem fenomenológico-existencial para a questão do conhecimento em psicologia. **Estudos de Psicologia**. Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, 2006, vol.11, n.2, p.153-158. Disponível em: <
http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-294X2006000200004&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 08 nov. 2016.

SAPIENZA, B. T. **Conversa Sobre Terapia**. São Paulo: EDUC, 2004.

VIANNA, K.; CARVALHO, M. A. **A Dança**. 3ª ed., São Paulo: Summus, 2005.